



Instituto Federal de Brasília
Campus Brasília
Curso de Licenciatura em Dança

NÃANA MARINA MORENO DOS SANTOS

**DANÇAS CIRCULARES: UM OLHAR PARA
ASPECTOS COREOGRÁFICOS**

Brasília
2022

NÃANA MARINA MORENO DOS SANTOS

**DANÇAS CIRCULARES: UM OLHAR PARA
ASPECTOS COREOGRÁFICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do *Campus* Brasília do Instituto Federal de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Dra. Suselaine Serejo Martinelli

Linha de Pesquisa: Estudos Pedagógicos em Dança

Brasília
2022

Santos, Nãna Marina Moreno dos.

Danças circulares: um olhar para aspectos coreográficos / Nãna Marina Moreno dos Santos ; orientação Suselaine Serejo Martinelli. — Brasília, DF: 2022.

107 f. : il. color. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) — Instituto Federal de Brasília, Campus Brasília, Brasília, DF, 2022.

Orientador(a): Suselaine Serejo Martinelli.

1. Danças circulares. 2. Coreografia. 3. Processo coreográfico. 4. Criação em dança. 5. Experiências educacionais. I. Martinelli, Suselaine Serejo, orient. II. Instituto Federal de Brasília. III. Título.

NÃANA MARINA MORENO DOS SANTOS

**DANÇAS CIRCULARES: UM OLHAR PARA
ASPECTOS COREOGRÁFICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Dança do *Campus* Brasília do Instituto Federal de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Dra. Suselaine Serejo Martinelli

Aprovado em: 12 de Agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra. Suselaine Serejo Martinelli – Orientadora

Profa Dra. Gláucia Melasso Garcia de Carvalho – Avaliadora 1

Prof. Ms. Luiz Cláudio Renouveau de Carvalho – Avaliador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão. Em especial, a meu irmão João Vítor (vulgo JV) por trocar ideias profundas sobre a vida comigo que me movem e a minha mãe Eliane (vulgo Dona Lee) por se importar e se dedicar com a presença do estudo em minha vida.

Agradecimentos aos professores incríveis que tive até aqui. Cito, em especial, a Profa. Suse do curso de Licenciatura em Dança, o Prof. Rafael Mota do Curso de Farmácia e duas professoras que não recordo o nome que me deram aulas de artes.

Agradeço os encontros com pessoas que se fizeram amigas, em especial, durante encontros com dança. Aqui, de forma singular, o amigo Glauco Barreto que inclusive revisou a introdução e o capítulo I do trabalho e ao amigo Christian pelos convites para dançar.

Também, agradeço a Daniel Gadelha pelo companheirismo e cuidado no momento de conclusão do curso de Licenciatura em Dança, em especial me escutando, dando suas impressões e opiniões e me auxiliando com minha alimentação.

E, por fim, agradeço a mim mesma por ter me permitido com força e coragem vivenciar e estudar a Graduação em Dança.

“Não movemos apenas corpos no espaço.
Mas ideias e energia de nosso espaço
interior, e imaginar isso é muito libertador,
muito estimulante”.

Bill T. Jones

RESUMO

Este trabalho adentrou no viés coreográfico das Danças Circulares, a fim de investigar como os processos coreográficos dessas danças podem colaborar para a experiência vivencial dos/as praticantes. Foi embasado em possibilidades sensíveis, relacionadas às vivências dos sujeitos e comunicadas por meio de suas narrativas pessoais. Assim abarcou, não apenas os aspectos físico-estruturais do corpo, mas também os subjetivos, simbólicos e sociais, construídos a partir das relações de troca com o ambiente. Para pesquisar o tema, foi utilizada a Prática como Pesquisa (Practice as Research – PaR), uma forma de pesquisa acadêmica que investiga e estabelece os percursos do estudo pelo fazer da prática. Foram realizados seis laboratórios de Danças Circulares, utilizando de dinâmicas e procedimentos diversos, estimulando a pesquisa coreográfica em aulas de Danças Circulares. Os encontros foram filmados e, posteriormente, analisados. Os resultados obtidos permitiram criar aulas e vivências envolvendo a Dança Circular, com possibilidade de aplicação da análise de movimentos, dos elementos da dança (espaço, tempo, energia), da expressividade humana e de seus sistemas de significação a partir da experiência. Sugere-se que sejam realizados mais estudos, aprofundando os conhecimentos nessa área.

Palavras-chave: Danças Circulares; Coreografia; Processo Coreográfico; Criação em Dança; Experiências Educacionais.

ABSTRACT

This work delved into the choreographic bias of Circular Dances to investigate how the choreographic processes of these dances can contribute to the experiential experience of the practitioners. It was based on sensitive possibilities related to the subjects' experiences and communicated through their personal narratives. Thus, it encompassed not only the physical-structural aspects of the body but also the subjective, symbolic, and social aspects, constructed from the exchange relationships with the environment. To research the theme, Practice as Research (PaR) was used, a form of academic research that investigates and establishes the study paths through the practice itself. Six Circular Dance laboratories were conducted, using various dynamics and procedures, stimulating choreographic research in Circular Dance classes. The meetings were filmed and later analyzed. The results obtained allowed the creation of classes and experiences involving Circular Dance, with the possibility of applying movement analysis, dance elements (space, time, energy), human expressiveness, and their systems of meaning from the experience. It is suggested that further studies be carried out to deepen knowledge in this area.

Keywords: Circle Dances; Choreography; Choreographic Process; Dance Creation; Teaching Learning, Educational Experiences.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Apresentação da pesquisa.....	33
Imagem 2 - Dinâmica memórias de Danças (relaxamento).....	33
Imagens 3 e 4 - Dinâmica memórias de Danças (escrita).....	34
Imagens 5 a 8 - Dinâmica memórias de Danças (registros de notas).....	34
Imagens 9 a 16 - Coreografia e o elemento espaço.....	35
Imagens 17 a 24 - Pesquisa de movimento em roda com as mãos dadas.....	36
Imagens 25 a 32 - Coreografia Chuva de Bençãos (sequência de gestos).....	39
Imagens 33 a 38 - Dinâmica de “tirar” palavra-anjo.....	40
Imagens 38 a 43 - Atividade de exploração de movimento, estudo do espaço e do tempo.....	41
Imagens 38 a 43 - Atividade de exploração de movimento, estudo do espaço e do tempo.....	42
Imagem 44 - Fechamento do encontro 2 com as palavras-anjos.....	43
Imagem 45 - Abertura do encontro 3 (em roda mãos dadas).....	44
Imagens 46 a 53 - Coreografia de aquecimento (memorização coreográfica e nível espacial).....	45
Imagens 54 a 57 - Coreografia Verbiding Connection.....	47
Imagens 58 a 64 - Construção de centro de roda com objetos pessoais (elemento cênico ritualístico).....	51
Imagens 65 a 73 - Coreografia Tread Gently on the Earth (de mãos dadas).....	52
Imagem 74 - Após dançar a coreografia Tread Gently on the Earth sentindo o “after-taste”.....	53
Imagens 75 a 82 - Coreografia Tread Gently on the Earth (sem mãos dadas).....	54
Imagem 83 - Dinâmica Contando a pesquisa “...e depois” (explicação).....	55
Imagem 84 - Dinâmica Contando a pesquisa “...e depois”.....	56
Imagem 85 - Dinâmica Que tal uma dança... ? - Temas coreográficos.....	59
Imagem 86 - Sorteio dos temas coreográficos.....	59
Imagens 87 a 89 - Centro de roda de DC com escultura e cartas.....	61
Imagem 90 - Centro de roda de DC com escultura e cartas (visão drone).....	61
Imagens 91 a 98 - Quadro de palavras relacionadas aos processos de criação em dança.....	63
Imagem 99 - Exercício Pequena Dança.....	64
Imagem 100 - Exercício de atenção plena em roda e sentimento oceânico.....	64
Imagens 101 a 110 - Coreografia Chuva de Benção no quinto encontro.....	65
Imagens 111 a 118 - Que tal uma dança dos quatro elementos? Coreografia Circular (água).....	68
Imagens 119 a 126 - Que tal uma dança dos quatro elementos? Coreografia Céu e Terra (ar e terra).....	69
Imagens 127 a 135 - Detalhes de coreográficas.....	70
Imagens 136 a 142 - Que tal uma dança dos quatro elementos? Coreografia	

Australian Fire Dance (fogo).....	71
Imagens 143 e 144 - Explicação da roda de conversa com as cartas.....	72
Imagem 145 - Seleção e leitura individual das cartas.....	72
Imagens 146 e 147 - Carta Universo do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento	73
Imagens 148 e 149 - Closet das participações na roda de conversa.....	74
Imagens 150 e 151 - Carta Energias do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento	74
Imagens 152 e 153 - Closet das participações na roda de conversa.....	75
Imagens 154 e 155 - Carta Cura do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento..	76
Imagens 156 e 157 - Closet das participações na roda de conversa.....	77
Imagens 158 e 159 - Carta Fronteiras do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento.....	78
Imagens 160 e 161 - Carta Entusiasmo do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento e roda de partilha.....	80
Imagens 162 e 163 - Roda de partilha e Carta Tessituras do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento.....	81
Imagens 164 e 165 - Roda de partilha e Carta Vitalidade do oráculo Cirando do Sol: Amor em Movimento.....	82
Imagens 166 e 168 - abraço em roda.....	83
Imagens 169 a 178 - Exposição dos materiais utilizados na pesquisa.....	84
Imagens 179 a 182 - Coreografia de Dança de Abertura (Daniele Félix).....	86
Imagens 183 a 194 - Coreografia com tema das quatro estações e música experimental.....	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição dos participantes dos laboratório-aulas.....	32
Quadro 2 - Descrição das propostas coreográficas.....	61
Quadro 3 - Palavras da dinâmica de encerramento.....	91

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVO GERAL:.....	16
3. CAPÍTULO I: AS DANÇAS CIRCULARES.....	17
4. CAPÍTULO II: A COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA NAS DANÇAS CIRCULARES.....	23
5. METODOLOGIA.....	28
6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS PROCEDIMENTOS DOS LABORATÓRIO-AULAS.....	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
8. REFERÊNCIAS.....	96
9. ANEXOS.....	98

1. INTRODUÇÃO

A Dança Circular é uma prática ancestral, baseada em culturas tradicionais de diversos locais do mundo, que utiliza a composição em roda, o canto e o ritmo para promover a integração humana. Na década de 70, foi sistematizada pelo artista polonês/alemão Bernhard Wosien. E segue, atualmente, se reinventando com o acréscimo de novas coreografias e ritmos.

De acordo com o Ministério da Saúde (2018), sua prática pode ser empregada na busca por bem estar físico, mental, emocional e social (p.41). Alguns autores mencionam que, para além dos benefícios em relação ao bem estar, também se pode obter, por meio dessa prática curas, por meio da expansão da consciência e encontro de estados meditativos.

As Danças Circulares representam uma retomada de antigas formas de expressão de diferentes povos e culturas, acrescidas de novas criações, coreografias, ritmos e significações próprias do homem inserido na realidade atual (COSTA, 1998). Assim sendo, elas podem ampliar o conhecimento, em direção ao bem-estar do ser humano como um todo (SILVA, 2015).

Confirmando sua natureza de ecologia humana, a proposta das Danças Circulares envolve desfrutar o dançar junto de um modo não competitivo, integrando diversas faixas etárias, promovendo a confiança no grupo e estabelecendo o contato com a terra, com o espírito. Também pode ser apresentada como uma ferramenta para canalizar a energia de cura para os dançarinos e para o resto do planeta.

Com isso, é possível observar como as Danças Circulares promovem a integração entre movimentos, pessoas e padrões rítmicos num contexto planetário. Dessa maneira, essa pesquisa explora o potencial dessa prática como campo de criação de sabedoria somática, nessa abordagem do ser humano compreendido em sua totalidade da experiência, em integração com o ambiente.

O presente estudo adentrou no viés coreográfico das Danças Circulares, a fim de investigar como os processos coreográficos dessas danças podem colaborar para a experiência vivencial dos praticantes. Foi embasado em possibilidades sensíveis, relacionadas às vivências dos sujeitos e comunicadas por meio de suas narrativas pessoais. Assim abarcou, não apenas os aspectos físico-estruturais do

corpo, mas também os subjetivos, simbólicos e sociais, construídos a partir das relações de troca com o ambiente.

Vale enfatizar que a Dança Circular é uma prática geralmente realizada em grupos, acompanhada de movimentos de mãos e braços, em uma sequência de movimentos pré-definidos - ou seja, uma sequência coreografada - que muitas vezes é inspirada em culturas tradicionais de várias partes do mundo. Nesta pesquisa, o foco central foi a investigação de aspectos coreográficos das Danças Circulares, considerando suas diversas dimensões.

A motivação pessoal para escolher este tema adveio do bem-estar que sinto e do estado de êxtase experienciado cada vez que pratico a Dança Circular, atualmente, na condição de acadêmica da Licenciatura em Dança. Em 2018, tive meu primeiro contato com as Danças Circulares. Naquele momento, além do desejo de querer dançar mais vezes, tal prática auxiliou-me a minimizar inquietações pessoais quanto à vida profissional e questionamentos sobre minha missão/propósito de vida.

Realizado nesse contexto, em que me insiro como entusiasta das Danças Circulares e acadêmica de dança, observando que as Danças Circulares têm na composição de coreografias sua maior forma de socialização do conhecimento, o estudo pretendeu trazer algumas referências da área da dança para discutir aspectos coreográficos nas Danças Circulares.

Outro objetivo da pesquisa foi apresentar procedimentos que possam colaborar para o processo de criação em dança, em seus aspectos de invenção, descoberta e desenvolvimento, abordando a prática como lugar para o pensamento e para a criação. Tal ênfase pode beneficiar interessados em composição coreográfica, seja praticantes da dança ou docentes.

Como gosto muito de dançar e sinto os benefícios mentais, emocionais, físicos e energéticos e/ou espirituais proporcionados pela prática das DC, mesmo havendo momentos de cópia e reprodução de movimentos, identifico um momento em que as práticas nos levam para estados de expansão de consciência. Durante esta pesquisa, observei que há muitos trabalhos abordando as Danças Circulares voltados para fundamentos da psicologia e da saúde.

Justificando esta pesquisa, há poucos com uma linguagem acadêmica na área de conhecimento da dança e, também, poucos textos produzidos por pessoas da área da dança, em contraposição com diversos textos produzidos por pessoas de

outras áreas, que escrevem sobre a Dança Circular. Também destaco a necessidade de conteúdos publicados voltados para o ensino da dança, com viés na docência.

Considerando minha atual formação voltada para a docência, na Licenciatura em Dança, o interesse foi em estudar e investigar a coreografia das Danças Circulares num contexto de prática docente, de aperfeiçoamento. Apresento procedimentos para se trabalhar em sala de aula e/ou em outros espaços a criação – e não apenas a reprodução, para assim refletir como o conhecimento da área da dança pode aprimorar a prática da Dança Circular.

Nesse contexto, para pesquisar o tema, foi utilizada a Prática como Pesquisa (Practice as Research – PaR), uma forma de pesquisa acadêmica que investiga e estabelece os percursos do estudo pelo fazer da prática (FERNANDES, 2015). Nessa abordagem há ênfase na habilidade do artista-pesquisador, com modos somáticos e ecológicos de vida contemporânea, e a arte como pesquisa como estados dinâmicos, imprevisíveis, além de serem auto-organizantes de criatividade, atualização e compartilhamento, em qualquer que seja a linguagem utilizada.

Inspirada em tais ideias, criei uma proposta de oficina-laboratório de aulas de Danças Circulares, utilizando de dinâmicas e procedimentos diversos para me aprofundar nos objetivos e questões de pesquisa.

2. OBJETIVO GERAL:

Investigar contribuições dos processos coreográficos das Danças Circulares.

Objetivos específicos:

- Estudar elementos coreográficos das Danças Circulares;
- Elencar benefícios da prática das Danças Circulares;
- Desenvolver oficinas-laboratório, estimulando a pesquisa e a criação coreográfica em aulas de Danças Circulares.

3. CAPÍTULO I: AS DANÇAS CIRCULARES

A Dança Circular (DC), também conhecida como Danças Circulares Sagradas ou Dança dos Povos, é uma prática de dança em roda com gestos e movimentos, que foi sistematizada pelo dançarino e multiartista Bernhard Wosien, a partir de danças tradicionais de povos originários, comumente realizadas em grupo no formato de círculo, com as mãos dadas e com a presença de música e/ou canto tradicional ou contemporâneo.

Atualmente, no Brasil, a Dança Circular é reconhecida como uma Prática Integrativa e Complementar de Saúde no Sistema Único de Saúde pela Portaria Ministerial GM nº 849, de 27 de março de 2017. No Glossário Temático de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, ela é descrita assim:

Prática expressiva corporal que utiliza a dança de roda, o canto e o ritmo para promover a integração humana, o auxílio mútuo e a igualdade visando ao bem-estar físico, mental, emocional e social. Notas: i) A dança circular é uma prática ancestral e profunda, geralmente realizada em grupos, acompanhada de cantos e movimentos de mãos e braços. ii) Inspirada em culturas tradicionais de várias partes do mundo, foram coletadas e sistematizadas inicialmente pelo bailarino polonês/alemão Bernhard Wosien (1976), ressignificadas com o acréscimo de novas coreografias e ritmos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018, p.41).

Dessa maneira, as Danças Circulares representam uma retomada de antigas formas de expressão de diferentes povos e culturas, acrescidas de novas criações, coreografias, ritmos e significações próprias do homem inserido na realidade atual (COSTA, 1998). Elas visam a ampliar o conhecimento, em direção ao bem-estar físico, mental, emocional e social (SILVA, 2015).

A Dança Circular desenvolvida por Bernhard Wosien nasceu quando ele decidiu dedicar atenção às danças de roda e às danças dos povos, após assistir a uma apresentação do conjunto folclórico iugoslavo *Kolo*, no início da década de 50, na Alemanha (WOSIEN, 2000 p. 106).

Por quase quatro anos, Wosien pesquisou os costumes dos sérvios, povo de origem eslava que migrou para a região do leste alemão de *Lausitz*, ao aceitar trabalho na fundação de um grupo de arte popular desse povo. Nesse contexto, ele desenvolveu interesse em dar forma coreográfica de uma pantomima dançante aos costumes pesquisados (WOSIEN, 2000 p. 106).

Na década de 60, quando Wosien encerrou sua carreira de dança nos palcos, formou um grupo na Escola Superior de Munique que fazia viagens para conhecer antigas danças de roda europeias (WOSIEN, 2000 p. 111).

Em 1966, viajou à Grécia, e constatou que lá a dança ainda era uma expressão totalmente espontânea de um estado de ser. Ele aprendeu com o povo grego a presença do êxtase divertido, por intermédio das rodas e da música (WOSIEN, 2000 p. 111). Essa viagem incentivou Wosien a seguir estudando as danças dos povos do leste da Europa que ainda preservavam o seu bem cultural originário, nativo, como da Macedônia, da Iugoslávia, da Polônia e da Rússia (WOSIEN, 2000 p. 112).

Outro aspecto que Wosien encontrou nas danças circulares foi o caminho para a meditação da dança, como um caminho para o silêncio. E tornou esta meditação para si e seus estudantes uma forma de oração sem palavras (WOSIEN, 2000 p. 117).

No ano de 1976, em um evento na França, do qual Wosien participou junto com sua filha Maria-Gabriele, estando também presentes os fundadores da comunidade escocesa da Fundação Findhorn, eles receberam convite para compor as atividades da fundação com as danças de roda e as danças circulares europeias (WOSIEN, 2000 p. 117). Como relata Cristiana Menezes (2021), em curso online ministrado em plataforma digital sobre Vida e Obra de Bernhard Wosien, o objetivo do convite era “desenvolver um trabalho de dança e espiritualidade para os membros daquela comunidade”.

Foi na Fundação Findhorn, que Bernhard Wosien e sua filha Maria-Gabrielle sistematizaram as Danças Circulares e constituíram a proposta nos seguintes termos: desfrutar o dançar junto de um modo totalmente não competitivo, aprender que é possível para todos dançarem juntos, jovens e velhos, sentir-se confiante no grupo que é mais solidário do que crítico, ser capaz de sentir o contato com a terra, com o espírito e com cada participante através das diferentes qualidades de cada dança, de cada coreografia (BARTON, 2012, p.17).

Menezes (2022), explica que foi em Findhorn, que Wosien introduziu sua forma de interpretar e dançar as danças folclóricas, e que também trouxe sua abordagem coreográfica para o andamento de música clássica, utilizando movimentos lentos, em círculo, como uma meditação.

Dessa maneira, foi o encontro de Wosien do dançarino clássico Wosien com o estudo das danças populares, especialmente, em grupo folclórico – que o compeliu a reaprender, sensibilizado pela espontaneidade que a dança popular exige, pela rítmica muito mais fortemente diferenciada, que permite ao pé tocar o chão de uma forma completamente diferente (WOSIEN, 2000 p. 107).

As Danças Circulares são caracterizadas por coreografias compostas por sequências de passos, feitas em roda e de mãos dadas. Vale conhecer o que Wosien explica sobre os passos, o círculo, o mover na roda e as mãos dadas.

Sobre os passos, destaca sua importância para o desenvolvimento da dança, ao atrelar o caminhar com o dançar, desenvolvendo medida de tempo e espaço e tornando possível a reprodução – aspecto importante para coreografia. Ele ressalta que os passos têm relação com a verticalidade corporal:

O passo é tão importante na filosofia da escola da dança: “quando surgimos no espaço e nele nos movimentamos, temos que dar passos. A escola de dança é a escola do caminhar. O fluxo contínuo da corrente do tempo recebe através do contato do pé um compasso. Através dos passos determinamos uma medida de tempo e ao mesmo tempo uma medida no espaço. O passo torna mensurável, de acordo com a música, o ato da dança no espaço e no tempo, vivenciável e passível de ser repetido. O nosso pensamento aprende com o pé a acertar o passo, e assim construímos uma coluna entre o céu e a terra” (WOSIEN, 2000 p. 40).

Em relação ao formato de círculo, Wosien desenvolve alguns aspectos simbólicos, embasado em vários conhecimentos:

Em relação ao Círculo, explica que a sabedoria dos Mestres comprova que o círculo representa uma imagem microcômica do espaço cósmico original. O círculo é tido como o símbolo da eternidade e é um reflexo daquele círculo no céu noturno, o zodíaco, do qual todos nós descendemos. Todos os pontos do círculo são pontos de retorno. Trata-se de um processo de transformação que representa o princípio da mudança (WOSIEN, 2000 p. 42).

Acerca da roda, o dançarino destaca a condição da onipresença promovida pela roda:

Do ponto de vista de tempo, a dança de roda em círculo doa-nos onipresença que nela habita, de maneira que, na atuação conjunta de ritmo, melodia e compasso, as camadas mais antigas do fundo do poço da alma ganham nova vida, e como, por um toque de mitos de outrora, fecundam criativamente o momento. Assim, nós dançamos na meditação da dança os sonhos que nos reencontram, como nossas saudades do além. Dançando participamos de sua transformação, mudando a nós mesmos (WOSIEN, 2000 p. 120).

No que se refere às mãos dadas, Wosien desenvolveu uma forma específica de posicionamento das mãos, e construiu significados repletos de metáforas e representatividades:

Quanto à direção e o posicionamento das mãos, a direção da dança ocorre no sentido anti-horário que nos mostra a trajetória do sol desde a manhã até a noite. A mão direita é, neste caso, a que recebe, com a palma da mão voltada para cima, e a esquerda, a mão doadora, com as costas voltadas para cima. Ela dá a luz adiante, garantindo ao mesmo tempo a retro-ligação. Desta forma, o presente e o passado estão misteriosamente interligados. Só nós humanos separamos o hoje e o amanhã. O eterno, [...] está além do tempo. A corrente circular, uma imagem sensorial da eternidade, nos diz isto. Assim, nós carregamos conosco, como se fora a bagagem de um peregrino, tudo o que, no fazer e no pensar, no agir e no trabalhar está em nós como um tecido (WOSIEN, 2000 p. 43).

Em relação ao abordado, vale fazer um entrelace de citação com o indígena, escritor e professor brasileiro Munduruku (2000), “quando dançamos em círculo, quando batemos os pés no chão, estamos reconstruindo o som da criação, estamos recriando o mundo” (apud PANTOJA e BARROSO, 2017).

Vale enfatizar que os significados e conteúdos abordados acima, são características presentes no ensino e na transmissão das coreografias de Danças Circulares.

Costa (1998) afirma que os diversos ritmos e passos experimentados possibilitam uma ampliação no repertório de movimentos de todos os participantes. Compartilhando-os com o grupo, cria-se uma linguagem particular que se estabelece com a dança e que vai sendo decifrada e assimilada por cada indivíduo à sua maneira. Ao dançar em roda, o indivíduo coloca-se em contato com seu corpo em movimento, com o seu ser em expressão no grupo, estabelecendo e transformando suas relações sociais. É um instrumento para a expansão da consciência individual e grupal.

Também, comenta sobre como é desenvolvida a dança: “o movimento cadenciado, o ritmo e a participação de cada um na harmonia grupal fazem com que o círculo seja vivenciado como símbolo vivo e pulsante” (COSTA, 1998, p. 23). Com isso, é possível notar os argumentos somáticos da prática de Danças Circulares.

A mesma autora apresenta aspectos importantes relativos às Danças Circulares, quanto às impressões nos aspectos grupal e individual:

Impressões relativas aos aspectos grupais: instrumento facilitador do processo de formação de grupo; sentido de união e integração; possibilidade de estabelecer contato com os outros através das mãos e dos

olhos; possibilidade de vivenciar a harmonia grupal através do ritmo e do movimento; dissolução de fronteiras, na medida em que se compartilham danças de vários países e diferentes culturas; dança democrática, uma vez que inclui todos, sem distinções; possibilidade de percepção do grupo por outra via de comunicação; momento de confraternização (menos competição, mais amizade); universalização da comunicação através do movimento. Impressões relativas aos aspectos individuais: complementar às técnicas corporais; promover organização interna; possibilidade de acolhimento do outro, na medida em que não discrimina as pessoas; possibilidade de bem estar geral e relaxamento; atividade que se reflete nas emoções e sentimentos (COSTA, 1998, p.25-26).

Wosien (2000) comenta como a dança oferece desenvolvimento do movimento, do espaço de execução de movimento, do ritmo, da ordem, da expressão da música e do movimento, da referência espacial, da referência do eu e do parceiro, da referência da comunidade, num plano mais elevado do ser. “Um fazer, portanto, não no sentido usual objetivado, mas, sim, pleno de sentido e destacado do cotidiano, no sentido do festivo e, com isso, direcionado para o próprio ser” (WOSIEN, 2000 p. 65).

Outra importante autora de estudos sobre Danças Circulares, Anna Barton, fala de um dos sentidos espirituais da dança: o homem sempre dançou para expressar diferentes emoções – felicidade, tristeza, alegria, pesar ou êxtase. Antes de ter instrumentos musicais, o homem tinha o seu corpo – para bater palma e marcar o ritmo com seus pés – para usar a sua voz para cantar uma melodia e todo o seu corpo para expressar a emoção que ele estava sentindo, e para agradecer, imitando os pássaros, os animais, as árvores e os diferentes elementos da natureza. Aos poucos a dança ganhou um significado menos espiritual. “Eventualmente foi usada não para expressar a espiritualidade do homem, mas como esforço para encontrá-la. Ao longo dos tempos, essa espiritualidade foi perdida e encontrada várias vezes. E com as Danças Circulares descobriu de novo a espiritualidade” (BARTON, 2012, p.12).

Anna Barton também comenta “o valor espiritual da dança em relação ao desejo de Wosien de trazer de volta um tempo em que as pessoas reconheçam o valor espiritual de dançar junto, com velhos e jovens dançando juntos outra vez” (BARTON, 2012, p.16). Trata ainda do trabalho da intuição, sentida a cada momento da dança.

Outro aspecto relacionado à espiritualidade nas Danças Circulares é o próprio percurso de seu co-criador Bernhard Wosien e sua nomeação. Ele decidiu denominar Dança Sagrada o conjunto de suas danças, do alemão *Heilige Tanze*,

contudo alguns anos mais tarde ele não tinha tanta certeza de que “sagrada” tivesse sido a escolha certa, pois a palavra tem conotações religiosas, e o que ele queria expressar era a espiritualidade das danças. Ele sugeriu Cura Holística, mas depois de tantos anos não conseguiu mudar o nome, além de muitas pessoas acharem que a palavra sagrada faz lembrar que as danças não são apenas uma atividade física, e sim um envolvimento dos corpos mental e emocional que ajuda a promover um alinhamento com a terra e o espírito. “Conforme a Dança Sagrada foi se tornando mais popular, muitas pessoas decidiram começar a ensiná-la na Inglaterra, e mudaram o nome para Dança Circular, por várias razões” (BARTON, 2012, p.16-17).

Outro aspecto difundido na prática da Dança Circular é usá-la como uma ferramenta para canalizar a energia de cura para os dançarinos e, também, para o resto do planeta, no sentido de não apenas aprender danças como indivíduos, mas, em união, criar alguma coisa a mais, em um nível emocional, mental e espiritual (BARTON, 2012, p.17).

Com isso, percebe-se que nas coreografias das Danças Circulares muitas associações e conexões são realizadas entre a dança e a vida. As associações das propostas coreográficas com a vida são diversas, desde acontecimentos, ciclos, conhecimentos, formas, humanidade, etc. Essa aproximação e construção das propostas coreográficas diluindo a fronteira entre dança e vida arrebatam o desejo do trabalho e desperta o interesse em estudar e em pesquisar a coreografia nos processos de dança. Em especial, processos de criação em dança envolvendo procedimentos e processos de ensino-aprendizados.

4. CAPÍTULO II: A COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA NAS DANÇAS CIRCULARES

Já que a pesquisa buscou abordar contribuições da composição coreográfica das Danças Circulares, vale destacar o desenvolvimento coreográfico proposto por Bernhard Wosien e outros professores de Danças Circulares.

Wosien coreografou para a música clássica, por exemplo, o *Cânon em Ré Maior*, de Pachelbel, a *Allemande* de Bohm e várias peças de Bach. Ele também criou algumas danças rituais, usando danças tradicionais e recém criadas, poesia e prosa. Entre elas estão *Teseu e o Minotauro*, *O Hino de Jesus* e *O Pentagrama* (BARTON, 2012, p.16).

Anna Barton apresenta outras práticas como Paneuritmia e Tai Chi, que combinam com as Danças Circulares por tender ao equilíbrio (BARTON, 2012). Anna vislumbrou um modo de unir alguns exercícios de Tai Chi e partes desse formato em diferentes maneiras e experimentá-los com música. Observou aplicação com pessoas que, quando são solicitadas a dançar livremente ao som da música, simplesmente congelam, mas que, com pouco de estrutura para dar respaldo, dançam alegremente. Comentou que “o movimento de Tai Chi é bom, sobretudo quando se precisa de uma energia de calma ou quando as pessoas estão fisicamente cansadas. E que sempre começava a aula da tarde com isso, para reanimar depois do almoço” (BARTON, 2012, p.61).

Também comenta sobre a questão da música ao vivo nas rodas de dança, destacando a vantagem de a música durar mais ou menos tempo, para atender as necessidades dos dançarinos, e poder também ser acelerada ou desacelerada em função da necessidade (BARTON, 2012, p.59).

Nesse sentido, de observar os aspectos e dimensões que envolvem a coreografia das Danças Circulares vale, fundamentar-se em uma narrativa de experiência pessoal anônima em curso em uma aula regular de Anna Barton:

Eu tinha desenvolvido um sentimento verdadeiro pela dança durante os cursos regulares. Embora eu tivesse dificuldades em lembrar mentalmente todos os paralelos da geometria sagrada e o simbolismo espiritual dos movimentos, gestos e posturas, eu podia sentir a fonte de energia, criatividade e amor que a dança gerava – uma união entre dançarinos em níveis mais elevados enquanto nos movimentamos juntos, uma mistura transcendente de algumas que se eleva e exulta e partilha com os outros, uma celebração criativa que cura através da integração harmônica. Uma verdadeira atividade de comunidade (BARTON, 2012, p.68).

Para abordar a composição coreográfica das Danças Circulares, foram utilizados alguns estudiosos da área da dança que trazem conceitos, teorias, conteúdos e reflexões sobre dança.

As Danças Circulares são praticadas pela transmissão de coreografias. Dessa maneira, é importante discorrer um pouco sobre a evolução do termo coreografia. Trindade (2008) publicou no livro nomeado *“A escrita da dança: a notação do movimento e a preservação da memória coreográfica”*, e nele dedica algumas laudas a discorrer sobre a evolução do termo coreografia.

Na Dança, a composição cênica chama-se coreografia, “expressão que tem origem no grego e quer dizer: a grafia de danças corais, danças de grupo. Com o tempo, o tema foi sendo usado para nomear quaisquer grafias ou escritas do movimento e não somente as que se referem a danças coletivas” (LOBO e NAVAS, 2008, p. 25).

Logo no início esclarece que o termo “coreografia” tem um contexto histórico variado. Complementando o aspecto histórico, outra referência que apresenta o desenvolvimento do termo coreografia, é a publicação *Dança em Foco: Ensaios Contemporâneos de Videodança*, no ensaio intitulado *“Coreografia, Corpo e Vídeo: apontamentos para uma discussão”*, de Cerbino e Mendonça (2012) – com muitas referências sobre coreografia, desde o registro do século XVIII, até artistas da cena atual, como André Lepecki – abordando coreografia no aspecto da videodança.

De acordo com Cerbino e Mendonça (2012), a discussão sobre a ideia de coreografia transformou-se na virada do século XIX para o XX, e como o entendimento de movimento é transformado na direção de uma nova posição ontológica como que em um momento circular histórico, a dança retoma a importância do ato de dançar em si. “Com a diminuição do imaginário e a valorização de cada corpo executante, o ato de dançar torna-se autoral em um sentido completo” (CERBINO e MENDONÇA, 2012, p. 160).

Conforme Lobo e Navas (2008), os estudos relacionados à arte da dança têm sido baseados na mundialmente conhecida tríade corpo espaço tempo. No livro *“Arte da Composição - Teatro do Movimento”*, as autoras apresentam dinâmicas da

criação de uma obra coreográfica em dança e propõem estratégias e procedimentos sobre a arte da composição.

Sistematizaram o triângulo da composição (o imaginário criativo; o corpo cênico e o movimento estruturado) e vale observar que esses três elementos fundamentais da dança (corpo, tempo e espaço) continuam presentes na proposta do triângulo da composição e intrínsecos ao ato da criação. Propõem:

- O imaginário criativo, que se refere aos conteúdos e ideias percebidas, vivenciadas, sentidas, inscritas e imaginadas no corpo.
- O corpo cênico, que se refere ao corpo preparado para a cena, corpo no qual se manifesta com intenção o imaginário criativo.
- O movimento estruturado, que se refere a elaboração do movimento, que se estrutura em ações, espaços, dinâmicas e relacionamentos para a organização e expressão do imaginário criativo por meio do corpo cênico.

A autora Lobo (2008) também se identifica com a ideia de energia - matéria - ação fazendo relações metafóricas com o triângulo da composição e deixar aberto a possibilidade para que outros dançantes e outros leitores façam outras relações a partir de seu repertório. Quando associa o termo energia ao vértice imaginário criativo ela faz por ser esta energia que de certa forma habita o corpo e o que o impulsiona para a criação.

A matéria é associada ao corpo cênico porque é nela - matéria ou concretude do corpo - onde a energia se manifesta tornando-se uma representação que pode ser repetida com intenção. A ação é associada ao movimento estruturado porque a partir dela que o corpo é impulsionado ao movimento, estruturando-se em frases, com múltiplas variações no espaço, dinâmicas e relacionamentos.

De acordo com Lobo e Navas (2008), diferencia-se o dançar do criar e compor uma dança. O dançar ou mesmo dançar-criando atrela a conexão com sentimentos, sensações, percepções e sentimentos que fluem com os movimentos expressivos que manifestam impressões ao gerar forma no corpo em relação ao tempo e ao espaço criando símbolos e significados; inclusive o de repetir códigos de danças já existentes para estarem em harmonia, relacionando-se com os outros ou com o coletivo.

Já a composição coreográfica acontece quando tudo isso é organizado com uma linguagem estética, ou seja, quando a dança se elabora e se estrutura no tempo e espaço pela construção de um processo criativo que precisa também desenvolver o espírito da realização e pesquisa. Envolve a capacidade de selecionar, organizar e transbordar a sua criação, fazendo a ressoar em seus espectadores e ou praticantes (para o caso de danças não voltadas para a cena), comunicando-se, transformando ou comungando sentimentos e ideias (LOBO e NAVAS, 2008).

Com a prática de Danças Circulares é possível observar a diferença do ato de dançar e do ato de compor coreografias. A prática acontece pela repetição de códigos de danças já existentes e todos dançam, já o ato de coreografar envolve uma sistematização estética do dançar, ou seja, vai além do ato de dançar.

Novamente, conforme Lobo e Navas (2008, p. 29), criar em dança “revela caminhos a serem percorridos ao longo de um processo complexo, estabelecendo métodos e mapas, sistematizando os procedimentos, fornecendo elementos e estímulos no desenvolvimento de processos de criação e avaliação”. Ressaltando como é desafiador sistematizar reflexões e procedimentos, considerando as singularidades e subjetividades de cada criador.

Ao descrever as Danças Circulares como danças realizadas em conjunto em roda, na maioria das vezes de mãos dadas, que trabalham com diferentes ritmos, coreografias, gestuais e músicas. Além disso, possuem em seu cerne os simbolismos dos seus povos de origem e trazem a propriedade de evocar no grupo que dança estas características; algumas despertam alegria, outras, introspecção, ou entrega, brincadeira, reverência, além da amizade e do contato afetivo, entre outros aspectos (ANDRADA e SOUZA, 2015). Vale ressaltar a sua diversidade e multirreferencial. Assim sendo, faz-se necessário utilizar no plural as coreografias das Danças Circulares.

Quem sistematizou a Dança Circular, Bernhard Wosien, viveu de 1908 a 1986 exatamente no período do expressionismo. Ele tem uma trajetória de vida que é possível observar semelhanças em muitos dançarinos do expressionismo, e com características do período, como: período de Guerras Mundiais; olhar para

necessidades interiores; busca por uma harmonia total entre a alma e o espírito; a mística do instinto e um uso mais dramático dos gestos; contato com conhecimentos e práticas orientais; entre outros. Wosien sistematizou as Danças Circulares mais ao final de sua vida, na busca por uma dança mais orgânica e após ter contato com filosofias orientais e pesquisado danças folclóricas. Como comenta Andrada e Souza (2015), as danças circulares são propícias à experimentação do sensível e à espontaneidade. Além disso, as danças circulares possibilitam a integração entre os(as) participantes e trazem conhecimentos de diversas culturas.

As Danças Circulares não são meramente folclóricas, mas remetem a um trabalho que busca, por meio do dançar em roda, do gestual, da coreografia, do ritmo e da música, acessar a subjetividade humana e provocar vivências que possibilitem que o sensível emerga e seja compartilhado por um grupo (WOSIEN, 2000).

Em relação a transmissão da coreografia, é possível perceber que existe uma sistemática na forma como é realizada a prática. As coreografias costumam ser criadas e/ou ensinadas com mensagens, simbolismos e significados. Também, é possível identificar algumas etapas em uma prática de Danças Circulares, são elas: boas vindas aos participantes; apresentação sobre a prática (quando aberta a novos praticantes); apresentação da coreografia tanto no movimento (descrição dos movimentos/passos) quanto o simbólico (significados atribuídos aos movimentos/passos), apresentação da música (composição e estrutura musical); ensino dos movimentos e o momento de dançar a dança.

5. METODOLOGIA

Para desenvolver essa pesquisa utilizamos da Prática como Pesquisa (Practice as Research ou PaR) como metodologia. A PaR e suas variações (Pesquisa Performativa, Performance como Pesquisa, Pesquisa baseada na Prática, Pesquisa guiada pela Prática etc.) é uma forma de pesquisa acadêmica que tem a prática (artística/criativa) como método e/ou como produto de pesquisa, em que o fazer, a vivência e a experiência são relevantes para a pesquisa acadêmica (FERNANDES *et al.*, 2018).

Fernandes (2014) afirma que as artes têm meios de estabelecer seus próprios métodos e abordagens, atualizando contextos e se desfazendo de preconceitos de pesquisa ultrapassados que usam como objeto para discutir mudanças dentro de formatos enrijecidos, que tornam sua realização sem condições efetivas. A mesma autora expõe que assumir os métodos próprios das artes colabora para contrapor a lógica colonizadora e hegemônica de pesquisa e para o desenvolvimento de meios e de modos mais versáteis e coerentes com a realidade contemporânea.

A proposta foi desenvolvida por meio da criação de um laboratório de Danças Circulares (DC) com uma sequência de aulas-vivências, onde os participantes puderam vivenciar procedimentos de pesquisa-ensino-aprendizagem da dança atrelado com as estruturas coreográficas das Danças Circulares.

Utilizou-se o termo Laboratório de Danças Circulares justamente pelo caráter experimental proposto no trabalho, buscando-se a participação de todos na criação, manutenção e reconstrução de coreografias das DC atrelada a um conjunto de saberes com foco no processo e não nos resultados coreográficos.

Com o desenrolar da pesquisa os instrumentos foram definidos: seleção de coreografias, observação de participantes, rodas de conversas, filmagem, análise de vídeos, escrita das histórias de vida, registros escritos à mão, pesquisa corporal de movimento, uso de textos em formatos de cartas e/ou livros, quadro de palavras, etc. Dessa maneira, a prática integra a metodologia para investigar a temática, tornando-se o meio pelo qual a pesquisa é realizada, estabelecendo, além da maneira de pesquisar, a forma de refletir sobre a pesquisa .

Vale destacar a abordagem de Fernandes (2014) que a “pesquisa-arte” é uma “pesquisa em movimento” - no contexto somático do movimento - seu tema é seu método e seu objeto é seu sujeito. Dessa maneira, a arte deve ser o fundamento de sua pesquisa, agregando e dialogando com todo e qualquer campo, a partir desse elemento-eixo constitutivo, que se (des)(re)organiza. Ou seja, a pesquisa é o ato criativo de ser redescoberto e reinventar-se em comoção.

Dessa maneira, os processos de pesquisa em artes cênicas devem ser guiados pela vivência criativa em movimento, em imersões de experiência e análise, movimento e escrita, valorizando a inteligência do próprio processo, estruturando a inovação do conhecimento de modo eminentemente dinâmico e relevante (FERNANDES *et al*, 2018).

De acordo com a proposta da pesquisa, para investigar as contribuições dos processos coreográficos na prática das Danças Circulares, foram realizados 6 encontros no formato de laboratórios, pautados em processos de criação em Dança. Os laboratórios tinham a proposta de ser um momento de imersão em experiências com as Danças Circulares.

Para a pesquisa, inicialmente, foi definido um grupo pequeno entre 6 a 8 participantes. A seleção de potenciais participantes foi feita por convites direcionados e por divulgação em locais de prática das Danças Circulares (presencial e digital) por meio de inscrição por formulário Google. Para participar da pesquisa ficou definido o critério de exclusão ter praticado ou estar praticando dança em suas diversas abordagens e modalidades, tendo ao menos a metade dos participantes, no caso 3 (três) participantes, como praticando ou praticado a Dança Circular.

Os laboratórios ocorreram uma vez por semana, no período de junho a julho de 2022, sendo os quatro primeiros com duração de 1 hora e 30 minutos e os dois últimos com duração de 2 horas.

As propostas dos laboratórios foram pautadas nos conhecimentos que envolvem a dança como área de conhecimento, com análise de movimentos, elementos da dança (espaço, tempo, energia), expressividade humana e seus sistemas de significação a partir da experiência.

Todas as fases da pesquisa estiveram conectadas com o todo, integrando dinamicamente pesquisadora, tema e contexto. A proposta proporcionou que a pesquisadora fosse testemunha e protagonista, movida, escrita, achada pelos

autores, bem como levada pelo tema e pelas perguntas. Considerando a Prática como Pesquisa, uma investigação viva e dinâmica.

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A construção de dados foi realizada, principalmente, através de registros em filmagem e fotográficos, além de gravação de áudios e registros escritos em papel e em troca de conversas por WhatsApp tanto individual como em grupo. Foi criado um grupo de WhatsApp para informações sobre o laboratório, disponibilização de material e trocas sobre os encontros.

Muitas fotos estão inseridas ao longo do trabalho e os links de alguns vídeos estão disponibilizados no Google Drive. Os registros dos encontros foram realizados por mim posicionando câmeras em tripé ou por Felipe Eduardo Alves de Caldas, videomaker que acompanhou e registrou os dois últimos encontros.

Aqui vale pontuar que, enquanto pesquisadora, fazer registros de vídeo e imagem é desafiador, pois exige habilidade com a tecnologia e com a operação dos equipamentos. Devido a isso, algumas gravações falharam e se perderam. Ressalta-se a importância de ter suporte para realizar esse registro. Institucionalmente, obtive suporte ao buscar o setor do Almoxarifado Técnico do *Campus* Recanto das Emas, que tem o eixo tecnológico para Produção Cultural e Design. O servidor Claudio Ferreira técnico de audiovisual prestou consultoria sobre os equipamentos e aplicativos para fazer bons registros de forma mais econômica, além de fornecer, por empréstimo, câmera pessoal para realização dos registros.

A descrição de cada encontro foi realizada posteriormente, ao assistir as gravações de vídeo, escutar a gravação dos áudios e ao ler as anotações feitas dos encontros tanto pessoais quanto das anotações recebidas dos participantes em WhatsApp por texto e foto. Como algumas gravações falharam e se perderam e optei por não registrar no mesmo dia do encontro alguns detalhes se perderam.

Em relação aos participantes do laboratório, no total, participaram 6 (seis) pessoas, sendo 2 mulheres, 3 homens e 1 não binário. Sendo que um dos participantes compareceu apenas a um encontro. Dessa maneira, a pesquisa foi finalizada com 5 participantes. São, eles:

Quadro 1 - Descrição dos participantes dos laboratório-aulas.

Camila Caetano Mateus de Sousa	46 anos em 2022	Jornalista	Pratica Dança Circular a longa data
Christian von Jakitsch	60 anos em 2022	Psicólogo, professor, tradutor, guia de turismo e dançarino/ coreógrafo.	Pratica Dança Circular a longa data
Daniele Félix da Costa	31 anos em 2022	Graduanda em Dança	Já teve único contato anterior com a Dança Circular
Ermeson Moreira Campos	34 anos em 2022	Commis de Cuisine (Terceiro Cozinheiro)	Praticou Dança Circular a longa data
Guilherme Nery Lacerda, Guiga	28 anos em 2022	Artesã de arquitetura urbana	Não teve contato com a Dança Circular até a pesquisa

Fonte:arquivo pessoal.

Ressalto que todos os envolvidos na pesquisa foram pessoas com quem tive conexões, em momentos anteriores, em espaços de danças. Para os encontros finais, foram convidados quatro participantes relacionados ao momento da pesquisa: Daniel Gadelha, Sara Moraes, Felipe Caldas e Gabriel de Oliveira.

O convidado Daniel Gadelha participou do encontro 5, por ser meu companheiro e estar diretamente envolvido no processo da pesquisa e por colaborar com cuidados comigo durante o período intenso com muitas demandas da vida. E, também, colaborou com a confecção do quadro de palavras utilizado nos encontros 5 e 6.

A convidada Sara Moraes participou do encontro 6, por ser amiga à partir dos encontros que a Dança Circular proporciona. Conheci Sara no primeiro workshop de Danças Circulares que participei na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, no ano

de 2018. E seguimos conectadas. No dia do encontro 6, ela estava passando férias na cidade de Brasília. É dançarina, pesquisadora de práticas esportivas e de ensino e, frequentemente, conversamos sobre a prática das Danças Circulares, sua presença colaborou para refletir a proposta de música experimental nas Danças Circulares.

O convidado Felipe Caldas participou dos encontros 5 e 6 como videomaker. Ele foi convidado por ser colega do curso de Licenciatura em Dança e ter conhecimento na área do audiovisual.

O convidado Gabriel de Oliveira participou do encontro 6, por ser músico que produz música experimental e foi indicação de Luís Porto, filho de amigo querido e estudioso da música, Glauco Barreto. A indicação aconteceu no mesmo dia do encontro, fiz contato com Gabriel também no mesmo dia e pela conversa optei por inserir na proposta do último encontro.

Optou-se por transcrever as falas dos participantes por completo e manter apresentadas ao longo do trabalho, pois muito do que foi experimento e proposto pode ser percebido e entendido ao se ler as falas dos participantes. Ainda, optou-se por colocar uma grande quantidade de imagens, porque também colaboram para o entendimento das propostas para além das palavras. Tanto no quesito do sensível que as palavras não alcançam e, também, de certa maneira contribui para o que não foi relatado, que no momento da escrita, enquanto autora, ainda não consigo sedimentar em texto.

Na transcrição das falas optou-se por destacar, em negrito, partes das falas dos participantes que tiveram aspectos afetivos e colaboraram com a construção de conhecimento enquanto pesquisadora-professora-artista. Durante as descrições e as transcrições escreveu-se apenas o primeiro nome dos participantes, exceto Daniele que será Dani e Guilherme que será Guiga, pois foi assim que os chamei durante os encontros.

O primeiro encontro foi realizado no dia 01 de junho de 2022, em uma sala de dança do Instituto Federal Brasília, Campus Brasília. Foi apresentada a pesquisa; em seguida ocorreu uma roda de conversa, com partilhas sobre a história dos participantes, enfatizando suas experiências e interesses com a dança.

Imagem 1 - Apresentação da pesquisa



Fonte: Acervo pessoal

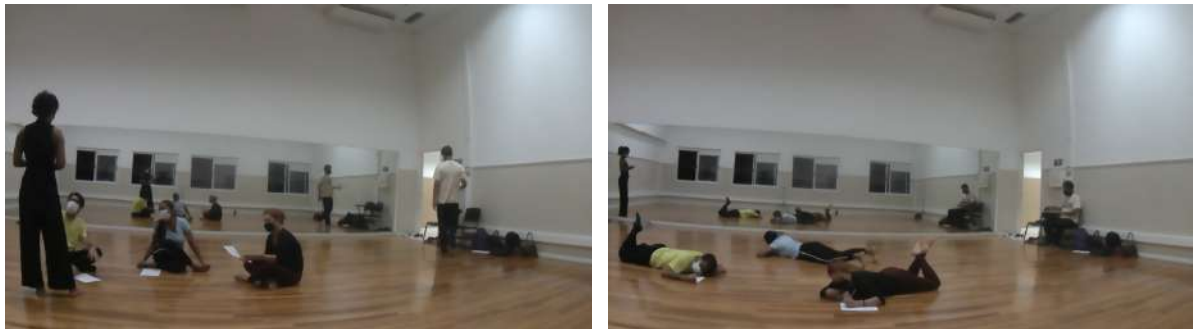
Na sequência, foi conduzida uma dinâmica de relaxamento, com estímulos sonoros. Esta teve o objetivo de retomar memórias de danças e, após sua realização, ocorreu um momento de escrita.

Imagem 2 - Dinâmica memórias de Danças (relaxamento)



Fonte: Acervo pessoal

Imagens 3 e 4 - Dinâmica memórias de Danças (escrita)



Fonte: Acervo pessoal

Imagens 5 a 8 - Dinâmica memórias de Danças (registros de notas)

CHRISTIAN
01 JUN/22

- MEMÓRIAS DE DANÇAS -

OS RITMOS TOCADOS ME TRouxERAM MAIS
SENSAÇÕES DE PAZ DO QUE MOVIMENTO DO QUE
MEMÓRIAS CONCRETAS DE DANÇAS.

O SEGUNDO RITMO ME REMETEU À DANÇA
"CIRANDA DAS BOMBAZAS CECILIA", TRAJETÓRIA POR
MIM AS ICS, COM MÚSICA DE AUTORIA DO AMIGO
MARCOS LIMA, E PARTICIPAÇÃO DE LEONARDO ALVES,
MEMBRO DO GRUPO "PRAÇA DE BOMBAZAS", DE BRASÍLIA.

Memórias das danças 03.06.2022

Remeto da minha infância, de
fotos queiras da escola, apresenta-
ções de dança quando fazia parte
em drópolis.

Remeto de quando de uma ou
no campus da UFMT. De aulas de
ballet como disciplina de educação
física.

Nesta folha valepo praqu
meos fragmentos de uma
memórias, sensações, intim
ações em dança como a
dancaria liberal me expõe
a bailar.

Sagrado movimento que
desacelera inquietações
em meu corpo.

A agenda vai derrete com
a exposição do movi
mento sensual.

Libero o carinho que a
terra me faz, dança.
meos regando, listando,
florindo e frutificando

o amor.

A sede de amor é cons
tante, meus olhos mare
jam a crista da onda
a deixar a lua. Um des
locamento que temho
movelhou-me e guardou
meu coração.

Aqui me senti amada,
cuidada, segura e ma
direção da cura.

Fonte: Acervo pessoal

A imagem 5 refere-se ao participante Christian; a imagem 6 refere-se à participante Camila e as imagens 7 e 8 foram escritas pela participante Daniele.

Para finalizar, foram realizadas duas coreografias de Dança Circular. A primeira teve o objetivo de explorar o espaço, criando caminhos e mudando as direções, explorando a formação e desconstrução da roda.

Imagens 9 a 16 - Coreografia e o elemento espaço



Fonte: Acervo pessoal

A segunda coreografia envolvia gestualidade e foi selecionada para trabalhar um estado meditativo interior. A dança *Chuva de Bençãos* tem um potencial de promover mudança de estado com um processo dinâmico que te convida a

experimental reconhecimento para além do cognitivo e do físico. Como discorrer o coreógrafo Rey Fernandois, sobre o processo dinâmico:

Conforme você cresce na dança e a dança cresce em você - eu sinto mais como um processo dinâmico - os passos se tornam mais compreensíveis em um nível físico, mental e espiritual. Você começa a reconhecer a linguagem para a qual a dança o convida, que vai muito além do verbal e do reconhecimento dos passos a nível cognitivo e físico. O corpo passa a ser uma veículo de transformação pessoal, que mais tarde se expressa no cotidiano (REY FERNANDOIS, 2022, p.43).

O segundo encontro ocorreu no dia 8 de junho de 2022, em uma sala de dança do Instituto Federal Brasília, Campus Brasília. O encontro foi iniciado com um aquecimento em roda, ainda com a proposta de formação e desconstrução da roda. No entanto, neste exercício, o grupo não podia soltar as mãos. Foi observada a movimentação de “enovelamento e desenovelamento”.

Imagens 17 a 24 - Pesquisa de movimento em roda com as mãos dadas





Fonte: Acervo pessoal

Um aspecto interessante a se discutir com base no exercício de exploração de movimento é como e quanto se transforma em coreografia. Outro aspecto coreográfico é que pode ser trabalhado como uma coreografia estruturada, semi-estruturada e livre.

Em sequência, foi realizada a coreografia da última dança do encontro anterior. A coreografia *Chuva de Bençãos*, de autoria da coreógrafa de Danças Circulares, Estela Gomes. Foi uma dança chave em sua pesquisa, em quase todos os encontros dos laboratórios, a coreografia foi dançada. A escolha foi pautada na experiência da coreógrafa com a dança, em observar que sua execução promove um estado corpóreo-mental de harmonização. Ele utilizava a coreografia na chegada ou no fechamento dos encontros. Com a finalidade de harmonizar o estado de presença, seja para iniciar ou finalizar as propostas de atividades de sua pesquisa.

Dentro da prática das Danças Circulares é comum ao ensinar a coreografia também repassar as simbologias, significados e interpretações dados pelo coreógrafo da dança. Quem está (re)passando também costuma compartilhar as suas percepções e interpretações. Nos laboratórios, optou-se por não compartilhar os significados e interpretações passados pela coreógrafa, com o objetivo de promover a experiência pelo gesto, sem pré-concepções orais dos movimentos.

Na última vez que a coreografia *Chuva de Bençãos* foi dança no laboratório, no caso, no encontro seis, foi repassado aos participantes o contexto em que foi criada e as simbologias apresentada pela coreógrafa na concepção da coreografia. Estela Gomes, explica que a coreografia foi elaborada em um contexto pandêmico, em que muitas coreografias de danças de conexão com a gestualidade foram

criadas ou adaptadas por focalizadores de Danças Circulares, para possibilitar a conexão pelo rosto, olhar, mãos e presença na tela.

Segundo a coreógrafa Estela Gomes¹, os gestos representam o recebimento da água da vida no coração, conectando às sabedorias compartilhadas e vivenciadas nas cirandas de saberes e a entrega ao outro sem distinção. Ela descreve as simbologias e significados para a coreografia *Chuva de Bençãos*: “veio a imagem da água de chuva descendo do céu até nosso coração, sendo captada ou recolhida na união de nossas próprias mãos, em concha, e delas ofertadas para as amigas e amigos dançantes. A partir da entrega da água sagrada da sabedoria do nosso coração descemos as mãos para recomeçar”².

Imagens 25 a 32 - Coreografia *Chuva de Bençãos* (sequência de gestos)



¹ ESTELA MARIA GUIDI PEREIRA GOMES - Fonoaudióloga, Focalizadora de Danças Circulares, Coordenadora do Programa Metodologias Integrativas da UMAPAZ. Especialização em Educação em Saúde Pública e Antropologia da Saúde. Designer em sustentabilidade pelo Programa Gaia Education. Certificada pela Academy of Movement & Awareness de Nanni Kloke e Membro da REDE Harmony Internacional. Membro certificada do CID – Conselho Internacional de Dança.

² Fala extraída de material, não publicado. Curso da UMAPAZ.



Fonte: Acervo pessoal

Foi realizada uma dinâmica que é tradição na prática das Danças Circulares, que consiste em retirar cartas com palavras. Na prática das Danças Circulares chama-se retirar um anjo. Inclusive essa proposta foi elaborada pelas autoras Kathy Tyler e Joy Drake³, que viveram na Fundação Findhorn, uma comunidade onde se desenvolveu e difundiu as Danças Circulares. Elas criaram diversos materiais, entre eles as Cartas do Anjos[®] que são utilizadas em muitas rodas de Danças Circulares.

No encontro foi utilizado o livro *“Fale com os anjos: inspirações da sabedoria angélica para animar o seu dia a dia”*, de Silker Bader (2011). No local de retirar uma carta foi sugerido abrir em uma página. A maioria das páginas do livro tem uma lauda com a ilustração de desenho colorido de um anjo e uma lauda seguinte com uma palavra e uma mensagem. As palavras-anjos que saíram foram: compartilhar, proteção, confiança, inspiração, aprendizado, calma e limites.

³ **Kathy Tyler e Joy Drake** são as co-criadoras dos mundialmente famosos Jogo da Transformação[®] (The Transformation Game[®]), Frameworks Coaching Process[®], Frameworks for Change[®] Program, Cartas dos Mentores[®], Intuitive Solutions[®] e das Cartas do Anjos[®]. <https://www.cartadosanjos.com.br/>

Imagens 33 a 38 - Dinâmica de “tirar” palavra-anjo



Fonte: Acervo pessoal

Para a palavra “Limites”, a mensagem foi a respeito do espaço de desenvolvimento (BADER, p. 89); para “Calma”, a mensagem foi sobre movimento e repouso, dando ritmo equilibrado a vida (BADER, p. 47); para “Aprendizado”, a mensagem foi a reflexão da vida como mestre (BADER, p. 39); para “Inspiração”, a mensagem foi sobre abertura para a criatividade influenciar pensamentos, sentimentos e ações (BADER, p. 83); para “Confiança”, a mensagem foi sobre confiança na vida e aceitação, com gratidão, dos talentos (BADER, p. 51); para “Proteção”, a mensagem foi sobre se sentir protegido e seguro baseado na proteção angelical (BADER, p. 107). E, por fim, a palavra “Compartilhar”, a mensagem foi sobre se deixar falar com o coração e sobre a possibilidade de enriquecimento do ser, ao compartilhar sentimentos (BADER, p. 49).

Após a dinâmica da palavra-anjo, iniciou-se uma atividade com exploração de movimentos. A pesquisa de movimento iniciou de forma individual, a partir de estudo do espaço (forma, tamanho, plano, nível, relacionamento) e estudo do tempo (velocidade).

Imagens 38 a 43 - Atividade de exploração de movimento, estudo do espaço e do tempo



Fonte: Acervo pessoal

A partir da exploração dos movimentos, foi solicitada a seleção para compor uma dança. Em seguida, ocorreu um momento de apresentação e apreciação das coreografias elaboradas.

Imagens 38 a 43 - Atividade de exploração de movimento, estudo do espaço e do tempo



Fonte: Acervo pessoal

Após a apresentação e apreciação das danças elaboradas individualmente, foi proposta a criação de uma composição coreográfica coletiva em roda, a partir da seleção dos movimentos individuais. Em roda, cada participante escolheu um movimento para compor a sequência coreográfica que foi dançada em diferentes músicas, a partir de sugestões dos presentes. E, para encerrar, cada um compartilhou o significado do movimento escolhido para colocar na composição coletiva.

As justificativas e significados apresentadas para cada movimento foram: “gostar do movimento; caminhar pela vida mudando as direções; abertura da alma, buscando abrir caminhos, para cima com alegria e energia, ocupar o espaço; transmutar energias e sentimentos; plano da porta, brincar, mandala; alegria, sambinha, vai e volta”.

Finalizando o encontro, formou-se uma roda de mãos dadas, foi conduzida uma prática com respiração e cada participante trouxe a palavra-anjo retirada na dinâmica de tirar o anjo.

Imagem 44 - Fechamento do encontro 2 com as palavras-anjos



Fonte: Acervo pessoal

O terceiro encontro aconteceu dia 15 de junho de 2022, no Teatro Mapati, em Brasília, por fechamento do IFB devido a pandemia. Para a chegada foi proposto formar uma roda, de mãos dadas, olhos fechados e algumas respirações. Após um tempo assim, foi solicitado abrir os olhos e os olhares aconteceram por um tempo em silêncio e depois apareceram alguns sorrisos discretos. Para concluir o momento de chegada foi solicitada a presença da voz, da fala do nome e resposta a indagação: o que você traz hoje para a roda?

Imagem 45 - Abertura do encontro 3 (em roda mãos dadas)



Fonte: Acervo pessoal

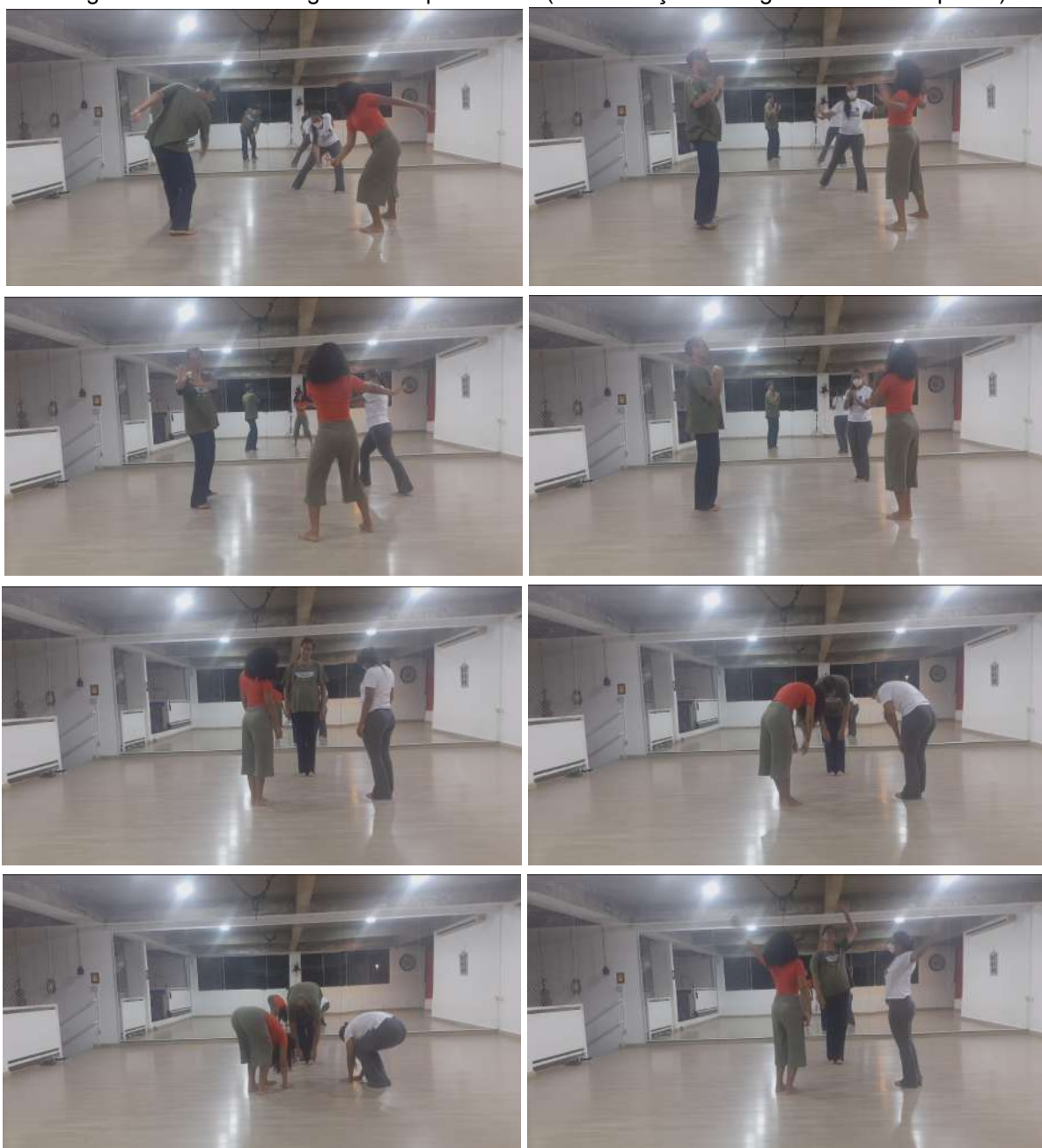
O participante Christian respondeu “eu trago a felicidade de estar aqui”; a participante Daniele respondeu “eu trago a escuta e evoco o meu anjo da proteção, que foi tirado no encontro passado. Mexeu muito comigo, eu acho que eu estava precisando e foi assim certo. Não foi a minha escolha, mas a abertura foi diretamente”. A pesquisadora respondeu “eu trago o fazer, o desfazer e o fazer novamente”.

Aqui vale destacar, que as atividades propostas e planejadas para os laboratórios começaram a ser construídas semana a semana e com a participação e colaboração ativa dos envolvidos. A partir deste encontro foram utilizados alguns princípios da Pesquisa Somático-Performativa, como abordados pela autora Fernandes (2014), entre eles a criação de associações e sentido a partir dos afetos e apoio do coletivo. Os temas de estudo escolhidos para abordar e/ou investigar nos laboratórios vieram a partir da leitura do livro “Danças Circulares - um caminho consciente de transformação”, de Andrés Rey Fermandois (2022), poucos dias antes do encontro e das propostas dos participantes.

No processo de planejamento e de execução do terceiro encontro, também percebi-entendi pela prática, pelo fazer, o acontecer, o desfazer e o refazer do contratempo da pesquisa. Com isso, vale citar novamente Fernandes (2014) “pesquisa é o ato criativo de ser redescoberto e reinventar-se em comoção” (p.88).

Após a chegada, nesse encontro propus uma atividade de aquecimento com sequência coreográfica em roda. A proposta coreográfica apresentada tinha uma quantidade maior de movimentos definidos que as coreografias anteriores passadas, também trabalhei nível médio e movimentação de flexão de quadril. Aqui foi dedicado um tempo maior com mais explicações sobre a execução dos movimentos, detalhe do posicionamento das mãos e diferentes velocidades de execução. Após a memorização da sequência coreográfica dançamos, por 8 minutos, guiados por uma música.

Imagens 46 a 53 - Coreografia de aquecimento (memorização coreográfica e nível espacial)



Fonte: Acervo pessoal

Nesse encontro, depois do aquecimento, o participante Christian trouxe uma proposta coreográfica: uma coreografia de Dança Circular de sua autoria, nomeada *Verbiding Connection*. A coreografia veio como recordação e sensação na dinâmica de memórias de danças do primeiro encontro. O coreógrafo Christian von Jakitsch⁴ explicou a coreografia em várias dimensões: passos, contextos, símbolos e

⁴ Christian von Jakitsch, psicólogo, músico amador, dançarino pelo Centro de Dança de Brasília, em diversas modalidades, Formação em DCS pelo grupo “Rodas da Lua”, focalizador e coreógrafo de Danças Circulares Sagradas (DCS).

significados dados. Iniciou contando a história de quando a coreografia foi criada. Relatou que foi durante um intervalo de um workshop de Danças Circulares, em Minas Gerais, após uma das participantes compartilhar parte da sua história de vida, que ele criou a dança mentalmente.

Primeiro vou falar um pouquinho da história de como esta dança nasceu. Eu estava em um workshop no interior de Minas. E logo antes do coffee break, uma pessoa fez uma partilha de que estava muito grata e emocionada de estar naquela roda e aí ela contou a história dela. Que ela era bailarina profissional e que foi acometida com uma doença quando ela estava próxima dos seus 40 anos. Ela foi acometida com câncer muito severo, teve uma recuperação muito difícil, mas curou-se. Mas isso modificou a vida dela inteiramente. Ela tinha crescido dentro daquele meio de glamour e de muitos elogios, muito bonita, é uma bailarina muito habilidosa. Ela se tornou uma pessoa arrogante, insensível, metida e se achava superior a todas as pessoas. E com câncer ela foi do céu ao inferno. A queda foi muito grande e ela descobriu os amigos, os amigos realmente assim... E foi descobrindo os outros valores da vida que ela não conhecia até então. Simplicidade, humildade, paciência, resignação, luta, essas coisas assim. Muito bem. Aí ela nunca mais poderia ser uma bailarina profissional em decorrência das consequências das sequelas. Mas estava voltando a se movimentar a dançar. Aí a gente foi ao coffee break. E durante o coffee break mentalmente eu fiz essa coreografia e dediquei a ela e apresentei logo que a gente voltou. Eu falei sobre essa coreografia que eu fiz para essa sua história que você compartilhou conosco e tal. E eu utilizei uma música que já tinha sido passada para mim e para Nãna um bom tempo antes pela Isabel Zago, uma focalizadora daqui de Brasília também.

Após contar a história e o contexto da criação da coreografia, explicou os passos, os movimentos da coreografia atrelando aos símbolos e aos significados.

Começamos com a perna direita um, dois e três passos e volta. Isso é muito clássico das danças circulares. De uma forma geral isso representa um movimento normal de vida. A gente segue a nossa vida, mas em algum momento a gente precisa dar uma recuada para poder continuar. Isso acontece várias vezes na nossa vida. Então a coreografia que eu compus para ela é basicamente assim, agora eu vou mostrar. Muito parecida com isso. A gente caminha na direção da roda com 1, 2 e 3 passos. E um passo para trás a gente vira para a roda e a gente recomeça 1, 2 e 3 passos para fora da roda com cuidado de não deixar a perna cruzada, porque esse é outro movimento; é só para trás. E como o corpo faz? O corpo vai refletir a história dela. Ela seguia a vida dela bem ativa, então a gente vai caminhando e vai ficando com a cabeça levantada, bem altivo. Quando se vira para o centro, é quando ela recebe o impacto daquele momento da vida dela que estancou toda a trajetória dela e ela teve que parar o que estava fazendo. Durante a doença ela aprendeu a humildade, então nesse passo que a gente dá para trás faz uma pequena reflexão com o tronco e joelhos, como uma reverência. O movimento é bem pequeno, é muito mais importante a intenção do que a amplitude na estética do movimento. Quando a gente começa os passos de novo a gente começa os passos com o rosto para baixo, no segundo e no terceiro passos o rosto e o corpo vai ficando cada vez mais altiva e orgulhosa, porque nesse momento que a gente está orgulhosa é que a gente olha para o centro e se depara com um momento da nossa vida que interrompe tudo e, com isso, a gente aprende a humildade. E segue a vida com mais humildade. A reverência pode ser no

tamanho que você sentir que já é suficiente. Essa é a parte pessoal da dança. Os braços acompanham levemente a reverência no balanço normal deles e durante a caminhada o primeiro pode ficar com a mão no coração, a mesma coisa que o último pode querer ficar com a mão no coração ou com a mão para baixo do jeito que quiser. A música se chama *Verbinding*. Tanto em alemão quanto em inglês, isso quer dizer ligação. Tanto é que alguém colocou ao lado *Connection* na descrição do áudio. Uma redundância porque é a mesma coisa e convenientemente é o que essa moça conseguiu fazer que é conectar consigo mesma, com sua alma, com as pessoas. Uma coisa que antes ela não tinha. A dança começa na vocalização e a introdução é bem pequenininha, você vai ouvir.

Durante a explicação da coreografia, ele trouxe um aspecto importante para as coreografias das Danças Circulares, que envolve os momentos de utilizar determinadas estruturas coreográficas. Argumentou que algumas danças são chamadas de *Dança de Espera* ou *Dança de Introdução* e tem como característica uma coreografia com passos extremamente simples para esperar as pessoas chegarem/entrarem na roda. Ou, então, para promover um acolhimento e facilidade de execução criando um clima e atmosfera de envolvimento e pertencimento.

Imagens 54 a 57 - Coreografia *Verbinding Connection*



Fonte: Acervo pessoal.

Vale destacar que o participante Christian pratica Danças Circulares há mais de 20 anos, participou de cursos de formação e cria coreografias de Danças Circulares. Com isso, colaborou muito para a proposta da pesquisa de investigar contribuições dos processos coreográficos na prática das Danças Circulares.

Ao apresentar sua coreografia, também contribuiu para a construção do processo, no sentido de apresentar aos participantes que não conheciam as Danças

Circulares a maneira como as danças e as coreografias são passadas na prática de DC.

Após a realização da coreografia, a participante Daniele comentou sobre suas percepções e sentimentos, explicitando que visualizou imagens com os movimentos. Dani compartilhou “no 1, 2, 3 e volta, veio a imagem do mar, da onda do mar que vai e volta”. Em retórica, Christian pergunta se ela sabia que nos passos da ciranda é retratado o movimento das ondas do mar. E comenta sobre a Ciranda:

As cirandas são inspiradas no movimento do mar. Por isso, que o lado tônico é o lado esquerdo, porque é o nosso lado água, ligado a sensibilidade, etc. Com isso, o nosso lado esquerdo e o mar sendo água, é o nosso lado esquerdo que vai chu-áa-chu-áa e volta; bate na areia chu-áa-chu-áa e vota. Cada passo para frente e para trás, nosso pé direito vai um tiquinho para direita para que a roda flua girando.

A participante Dani comentou sobre seu interesse em danças com a temática dos quatro elementos (terra, fogo, água e ar).

Eu estou muito conectada com os quatro elementos: a água, a terra, o fogo e o ar. Inclusive, tem até uma música que eu encontrei sobre esses quatro elementos e eu pensei numa possível dança assim circular. Mostrando esses passos, eu falei nossa, esse passo daqui é o movimento do mar, da água e também pode ser o vento; ao mesmo tempo que ele vai, ele também espirala e ele volta. Gente é doideira minha.

Com isso, o participante Christian apresentou outra dança com coreografia que abordava a temática levantada e comentou que nas Danças Circulares têm muitas coreografias com a temática dos quatro elementos. Ensinou a coreografia com adaptações da dança *Tread Gently on the Earth* com a coreógrafa⁵ do Reino Unido, nos movimentos e na música trás o caminhar na terra, o balançar na água e do vento e o tocar no fogo (YouTube, Circle Dance).

A partir da coreografia ensinada pelo Christian, foi ressaltado como os significados e as simbologias dos movimentos estão presentes na construção de coreografias das Danças Circulares.

⁵ Bethan Freedman é uma coreógrafa de Danças Circulares da Inglaterra. Casada com Stefan Freedman que também é coreógrafo. Eles são especializados, em: Danças Ciganas, Dança Mediterrânea (Grécia, Turquia, Armênia), Dança Europeia (Bulgária, Romênia e Rússia), Canaan Confluence (danças árabes e hebraicas) e reuniram uma biblioteca de músicas raras gravadas para danças circulares tradicionais e contemporâneas. Extraído de: <http://www.worlddance.org/> Acesso em julho de 2022.

Com base no fundamento da repetição que é uma característica destaque nas coreografias de Danças Circulares, dançou-se por duas vezes. Ao final da primeira vez da dança, aconteceu risos e expressões na fala. Na segunda vez, ao final da dança, ficou um tempo de silêncio. Christian, comentou sobre o sentimento oceânico que fica após a dança:

Muitas vezes quando acaba a dança e a gente não se dispersa. Tem uma coisa na arte indiana que se chama ragas, elas são as notas indianas. Nós temos as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá, si e dó. As ragas são as notas indianas que são menos temperadas do que as nossas. Temperada é divididinha. Depois que acaba qualquer coisa: a música, a dança, o teatro, o espetáculo, o pôr do sol, qualquer coisa tem aquele gostinho que fica no final, que é reflexo daquilo que aconteceu fisicamente; não está mais acontecendo; a música já acabou; a cena já acabou. Mas ainda tem um efeito sobre nós, é o “after taste” em português “gostinho de fundo”. Isso na cultura indiana chama-se rasa. Nesse momento, quando acaba uma dança que a gente ainda fica sentindo o efeito dela, a gente fica quietinho concentrando curtindo aqui um pouquinho.

Após o silêncio, ocorreu um momento de troca a partir de conexões com os assuntos relacionados à cultura indiana. Foram comentados estudos, pesquisas, músicas, tradições e interesses dos presentes na roda com o assunto. Nesse momento, compartilhei um aprendizado que aprendi em vivências de dança, sobre a tradição indiana - que pratico e faz muito sentido pessoalmente. Antes de dançar, dentro da tradição indiana, há o costume de pedir licença à terra para tocar os pés e dançar sobre ela.

No segundo momento do encontro, utilizou-se da música da primeira dança, como plano de fundo e das danças realizadas para explorar com o corpo conceitos de: movimento, ritmo e gesto na coreografia, na dança. A atividade proposta de refletir conceitualmente os termos movimento, ritmo e gesto, foi realizada pelo/em movimento. Posicionou-se, em linha, papéis escritos com as palavras Movimento - Ritmo - Gesto, na duração da música, permaneceu em frente ao papel com foco nos conceitos, significados, sentidos dessas palavras para a dança, tanto para as danças dançadas anteriormente, quanto para o dançar. Vale ressaltar, que foi orientado sobre não ter uma maneira de como se mover e nem a necessidade de movimentar visualmente todo o tempo. Após o momento de pesquisa corporal-conceitual, realizou-se parte da meditação ativa de Osho chamada *No-Dimensions Meditation*, que utiliza a repetição de movimento com foco nas direções no espaço.

Para finalizar, ocorreu uma roda de conversa para comentar a experiência e a proposta do encontro. Esse momento foi muito rico e afetivo. O espaço encerrou seu horário de funcionamento e a conversa continuou no meio-fio, na calçada da rua.

Muitos conteúdos sobre a Dança Circular surgiram na conversa, como questionamentos sobre a circularidade e a história de como a Dança Circular foi sistematizada por Wosien. Além de temas sobre as sincronicidades em encontro com pessoas com interesse em comum.

O quarto encontro ocorreu dia 22 de junho de 2022, dessa vez de volta a uma sala de dança do Instituto Federal Brasília, Campus Brasília. Nesse encontro, foram apresentadas e dançadas coreografias de Danças Circulares a partir de danças tradicionais de povos. Foram selecionadas músicas e danças das tradições andina, afro-brasileira e dos povos originários. Foram apresentadas coreografias de diferentes coreógrafos. E para cada tradição, também foi proposto uma meditação ativa com músicas tradicionais. Essa proposta foi embasada pela participação no do curso on-line “Danças Circulares Sagradas e Sabedoria dos Povos”, promovido pela UMAPAZ – Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz, da SVMA – Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, no primeiro semestre de 2022.

No segundo momento foi dançada uma das coreografias do encontro passado, *Tread Gently on the Earth*, pois muitos não estavam presentes. Nesse contexto, foi abordado mais um aspecto presente na maneira de praticar as Danças Circulares, que é construir um centro, que costuma ser com a presença de objetos, para marcar o centro e a roda que se forma em volta. O participante Christian convidou cada participante a pegar em seus pertences disponíveis naquele momento um objeto com significado importante para construção do centro. Os objetos, foram: chave de carro, anel, mão massageadora, identidade, medalha e terço.

Imagens 58 a 64 - Construção de centro de roda com objetos pessoais (elemento cênico ritualístico)



Fonte: Acervo pessoal.

As danças foram conduzidas e explicadas pelo participante Christian. Na primeira coreografia, explicou sobre a temática da dança; detalhou como é o deslocamento em roda e sugeriu, após a dança, dedicar tempo de atenção para os sentidos e sensações percebidos no corpo. Explicou os passos e movimentos com as mãos soltas e depois com as mãos dadas. Também realizou a execução da coreografia com e sem as mãos dadas. Chamou atenção para a execução, pois pode ter a tendência do círculo ir fechando, com isso, pediu atenção para tentar manter a roda mais aberta.

A dança e a música trata sobre os quatro elementos: primeiro a terra, o ar, a água e, finalmente, o fogo. Fala da nossa relação com elementos e da relação da humanidade com a mãe Terra. Os passos são muito simples, sempre em quatro tempos. No sentido do círculo anti-horário. Vamos imaginar que aqui tem um círculo riscado no chão cada um vai caminhar sobre esse círculo; a gente não vai nem para dentro nem para fora. Vamos começar com a perna direita sempre com o lado direito caminhando em quatro tempos. Dá quatro passos simples na direção anti-horária. Agora, a gente vai fazer um giro em progressão. Nessa parte, a gente solta as mãos. Quando termina o giro, dá as mãos de novo e faz quatro balanços começando sempre pela direita. Com o movimento muito fluido como se fosse a água e junto com o balanço. No fogo, a gente vai tocar o fogo e trazer para o coração. A música diz: toque gentilmente na terra, respire

gentilmente do ar, deite-se gentilmente na água e toque gentilmente no fogo.

Imagens 65 a 73 - Coreografia *Tread Gently on the Earth* (de mãos dadas)





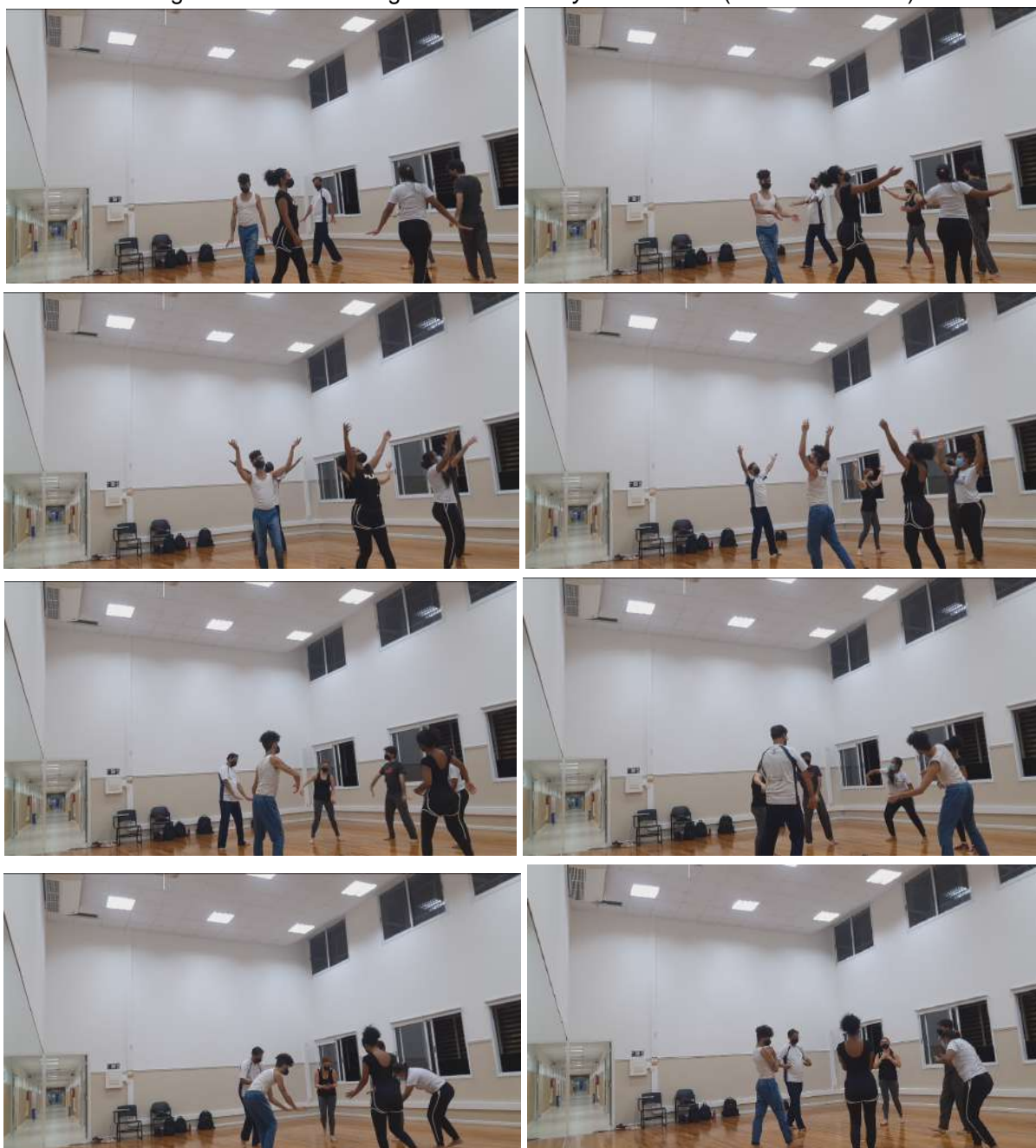
Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 74 - Após dançar a coreografia *Tread Gently on the Earth* sentindo o “after-taste”



Fonte: Acervo pessoal.

Imagens 75 a 82 - Coreografia *Tread Gently on the Earth* (sem mãos dadas)



Fonte: Acervo pessoal.

Aqui vale destacar que executar a mesma coreografia de mãos dadas ou não, além da mudança estética, possibilita experimentar e variar a qualidade de movimento e, conseqüentemente, os estados expressivos do movimento.

No terceiro momento, foi proposta uma dinâmica para relembrar o que foi experienciado e vivido nos encontros anteriores até aquele momento, a partir da fala e das recordações dos presentes. Em roda e sentados, a atividade proposta foi contar a história da pesquisa de acordo com que fosse lembrado pelos presentes.

Para realização da atividade foi explicado que era importante a fala de todos e o uso de um marcador para entrada da fala do próximo, como um elo de ligação da história com a fala. Em seguida, comecei:

Nesse mês de junho, iniciei o projeto de pesquisa - com Danças Circulares que envolve criação em dança e um olhar para as coreografias das Danças Circulares - aqui no IFB (Instituto Federal Brasília). Com o objetivo de criar um espaço para pesquisar a coreografia em diversos aspectos, como: contextos e diferentes percepções até que chegaram algumas pessoas e depois (...).

Imagem 83 - Dinâmica Contando a pesquisa "...e depois" (explicação)



Fonte: Acervo pessoal

Christian:

E depois, recebi o convite e eu perguntei se eu poderia participar como ouvinte uma vez que seria bem provável que eu viajasse no meio da experiência e não completaria todos os dias. A minha preocupação era me inscrever e tirar a vaga de alguém que pudesse ficar até o final. Mas foi possibilitado a inscrição. Felizmente deu muito certo, porque acabou que não vou viajar este mês e deu para completar tudo... e depois.

Camila:

Me inscrevi e tinha planejado ir todas as quartas-feiras. Aconteceu um imprevisto e não pude vir em uma quarta-feira. Mas eu senti falta e fiquei pensando o quê será que aconteceu naquele teatro? Naquela quarta-feira? E gostei de ter recebido um pouco das vivências que estive ausente nesta roda de hoje. Eu senti muita conexão comigo mesma. Senti muita saudades do meu eu que dançava muito mais... e depois.

Imagem 84 - Dinâmica Contando a pesquisa "...e depois"



Fonte: Acervo pessoal

Ermeson:

E depois, estava no grupo de Dança Circular no WhatsApp, chamado Tribo da Dança. Vi o anúncio da pesquisa e decidi me inscrever, porque eu acho que tem tudo a ver comigo. Só que eu não sabia que já conhecia a pesquisadora. Eu achei a proposta interessante e me inscrevi. Estou muito feliz de estar participando... e depois.

Nãna:

E depois, a gente teve até agora quatro encontros. Teve um encontro que a gente fez uma construção coreográfica coletiva a partir de pesquisa de movimentos nossos... e depois.

Camila:

Eu particularmente quero saber o que significa cada símbolo deste centro, e depois.

Christian:

Então, eu começo pela minha chave do carro, porque foi um carro que eu namorei por muitos anos. Este carro, não este modelo de carro. Este carro. Em alguns momentos eu pensei que rolaria de forma nenhuma, e de repente eu comprei. Já faz um ano que eu estou com ele e ainda estou em Lua de Mel em pleno tesão fazendo amor com ele quase todos os dias. Todo dia e várias vezes por dia eu faço amor com esse carro. Esta é a importância dessa chave neste centro hoje... e depois.

Guiga:

Eu recebi uma mensagem no WhatsApp com o convite para participar da pesquisa. Eu nem reparei muito o que era. Eu não me preocupei, porque vindo de você; eu pensei é isso, eu vou. Risos. Depois da nossa experiência na residência Corpo Manifesta; não sei; foi muito intenso; eu tinha certeza que eu tinha que estar aqui; de alguma forma. Não consegui vir todos os dias porque até eu já fiquei sabendo assim em cima do primeiro dia, mas eu sinto que os momentos em que eu estive aqui foram muito intensos. Teve uns dois dias que eu cheguei com a mente muito cheia de ideias, muita coisa do trabalho e movimento da rotina. Chegando aqui era momento de respiro, um

momento coletivo. E, são coisas que eu tenho sentido muita falta, já faz um tempo, o de estar coletivamente, mas não só estar coletivamente. De construir coletivamente, respirar coletivamente, de observar o espaço coletivamente. E aí foi um processo muito bom estar aqui. E minha identidade está ali no meio, porque esse ano é um ano que tem chegado muito sobre isso para mim, sobre eu pensar sobre a minha identidade. Eu sou uma pessoa muito aberta ao olhar do outro, mas ao mesmo tempo a gente tem que buscar ter essa conexão de saber ir e saber voltar. E isso, também, é sobre esses momentos que estão aqui. Essa circularidade, eu acho que traz um pouco disso de estar em movimento coletivo; a gente não está sozinho. A gente também tem nossa singularidade, mas o movimento continua... e depois.

Dani:

(...) certo dia durante uma quarta-feira, recebi o convite pelo WhatsApp. Calhou de já estar no IF e aqui eu embarquei nessa dinamicidade de variados adjetivos, acessando o meu sagrado e tocando o sagrado dos demais. Vejo um universo de estrelas, um céu que compõe a lua que também é um círculo. E aí dentro dessa magia, mergulho em elementos que me fazem querer mergulhar ainda mais em pesquisar minha história; o meu povo; saber quem são; saber quem são os povos originários a quem eu pertence e estou aí costurando uma colcha de retalho, talvez? Não sei. Articulando ao meu modo querendo dar uma resposta ou não. Não sei que resposta virá. E compondo essa harmonia com ritmo, movimento e gesto. Enfim... e depois.

Ermeson:

Vou explicar sobre o meu item. Isso é tipo um pingente. Que tem um símbolo com a estrela de Davi, não é só a estrela de Davi, se chama Practi. Eu morei com os monges da Andamarca, isso é o símbolo que eles usam, eles chama de yantra. É um símbolo que carrega um conceito. Os dois triângulos têm significados. Um triângulo representa a visão material e o outro triângulo, a visão espiritual e fala que quando você está com a base espiritual e a material em equilíbrio surge a luz da sabedoria [...]. Esse símbolo significa o equilíbrio e esse momento que eu morei com os monges [...] Eu carrego ele na minha carteira, porque é um ponto de firmeza, um ponto de equilíbrio que me lembra a meditação e me lembra centramento também... e depois.

Nãna:

E depois, eu coloquei uma mãozinha, porque foi o primeiro objeto que encontrei na bolsa e fez sentido com o momento da vida. Este ano, estou colocando muitas intenções diferentes. Em alguns momentos e locais estou retirando a gentileza em outros locais, eu estou colocando ainda mais gentileza. Em outros locais, estou colocando muita doação; em outros locais estou aprendendo a receber. Então coloquei essa mãozinha, nesse sentido, para remeter a isso... e depois.

Camila:

E depois, neste espaço de escuta das memórias afetivas de cada um com essas descobertas na roda [...] Eu coloquei este anel, porque ele era da minha avó e me remete muito a memórias afetivas dela. Eu tenho uma família onde a influência feminina sempre foi muito grande. Minha avó faleceu há dois anos com 89 anos. Ela sempre teve muitas lições e muitas histórias na criação das minhas tias, da minha mãe e de todos os netos. Ela sempre colocava a importância da gente se abrir para a intuição, para esse

sagrado que a gente tem dentro da gente. Que é essa força que nos guiará, que vai botar limite fazendo agir com mais ou menos gentileza, a perceber nossa identidade, trazer as ancestralidades e tantas outras coisas... e depois.

Dani:

Em novembro de 2019, participando de um evento em Luziânia, ganhei esse terço de um rapaz. Neste evento aconteceu coisas muito além da normalidade de ir lá e voltar. E esse rapaz, ele me deu esse terço e todo mundo ficou impressionado porque era O Terço dele, que ele não daria nem para a própria mãe dele. E aí, ele pediu que onde eu fosse eu o carregasse. Em dois momentos durante a prática de ho'oponopono esse terço arrebentou. Não sei o que quer dizer. Mas enfim, fui lá e remendei de novo. E assim eu tenho feito; é meio que uma proteção [...] e depois.

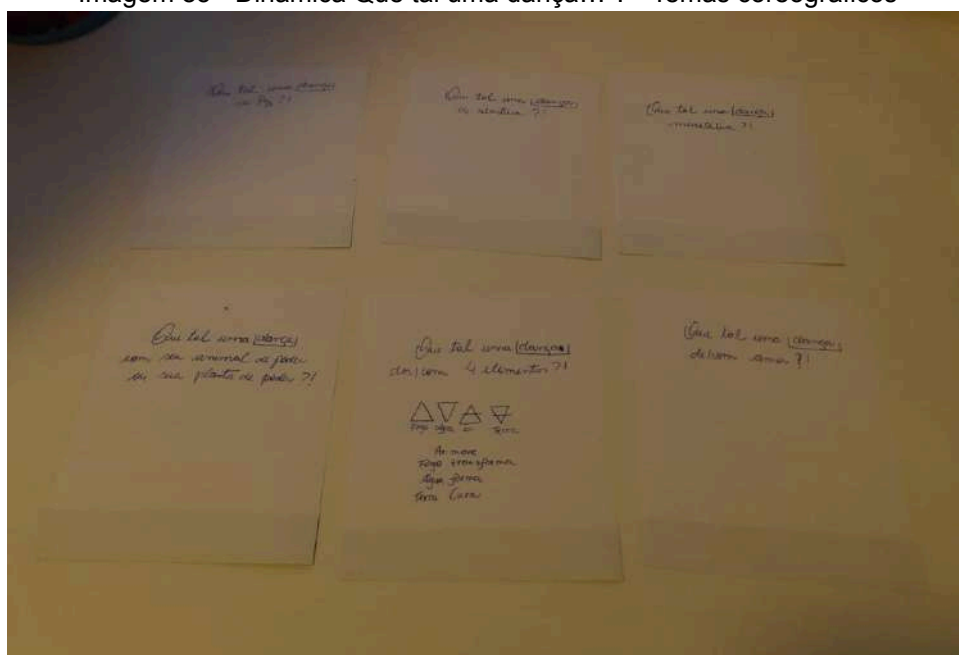
Nãna:

E depois, vamos encerrar a dinâmica e dar continuidade com o fechamento do encontro e apresentação da proposta do próximo encontro.

A proposta da dinâmica, inicialmente, foi planejada para também retomar os conteúdos trabalhados e sobre coreografia. No entanto, a quantidade de retomada dos assuntos foi pontual, funcionou mais como um espaço de fala de conexões com a pesquisa.

Para finalizar o encontro foi feito o convite para os participantes criarem uma coreografia com base em anseios do coração ou com temas sugeridos, foram eles: que tal uma dança de/com amor?; que tal uma dança dos quatro elementos?; que tal uma dança de abertura?; que tal uma dança meditativa?; que tal uma dança de paz? que tal uma dança com seu animal-de-poder ou sua planta-de-poder? Os temas foram sorteados pela pesquisadora e enviados a cada um dos participantes por WhatsApp, no mesmo dia do encontro.

Imagem 85 - Dinâmica Que tal uma dança... ? - Temas coreográficos



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 86 - Sorteio dos temas coreográficos



Fonte: Acervo pessoal

Quadro 2 - Descrição das propostas coreográficas.

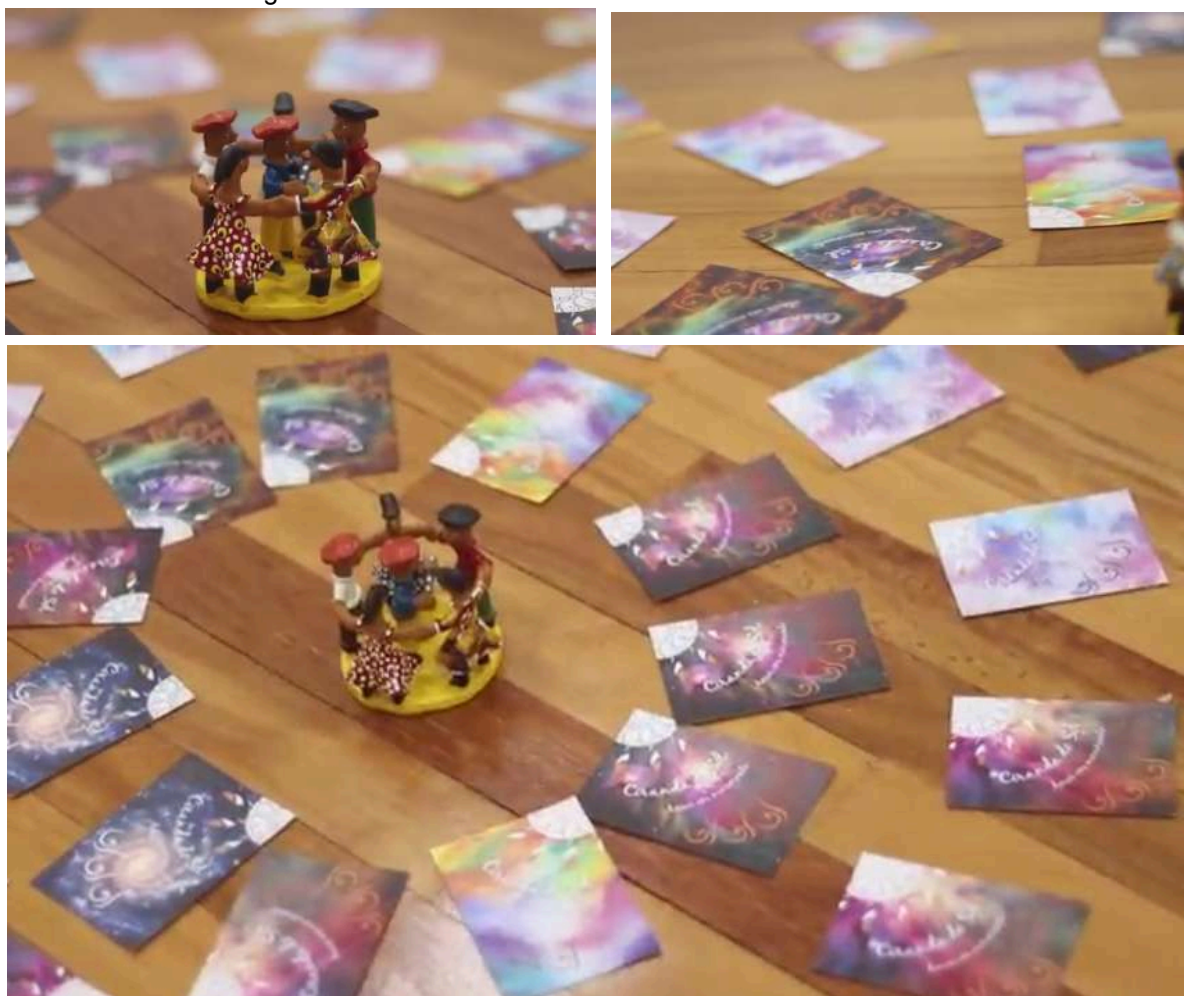
Proposta Coreográfica Que tal uma dança de/com...	Participante da Pesquisa
os quatros elementos (terra, fogo, água e ar)	Christian
seu animal de poder ou sua planta de poder	Guiga
meditativa	Emerson
amor	-
paz	Camila
abertura	Daniele

Fonte: Acervo pessoal

O quinto encontro, aconteceu no dia 29 de junho de 2022, em uma sala de dança do Instituto Federal Brasília, Campus Brasília. Para este encontro foi preparado um Quadro de Palavras-chave relacionado ao Processo de Criação em Dança e a pesquisa. Também foi montado um centro para a roda com objetos, que foram: uma escultura de pessoas em roda dançando, tocando instrumentos musicais e provavelmente cantando, envolta por cartas de um oráculo nomeado de Ciranda do Sol - Amor em Movimento⁶, com textos sobre as Danças Circulares. O encontro começou justamente com a chegada dos participantes e a observação do quadro de palavras e dos objetos do centro.

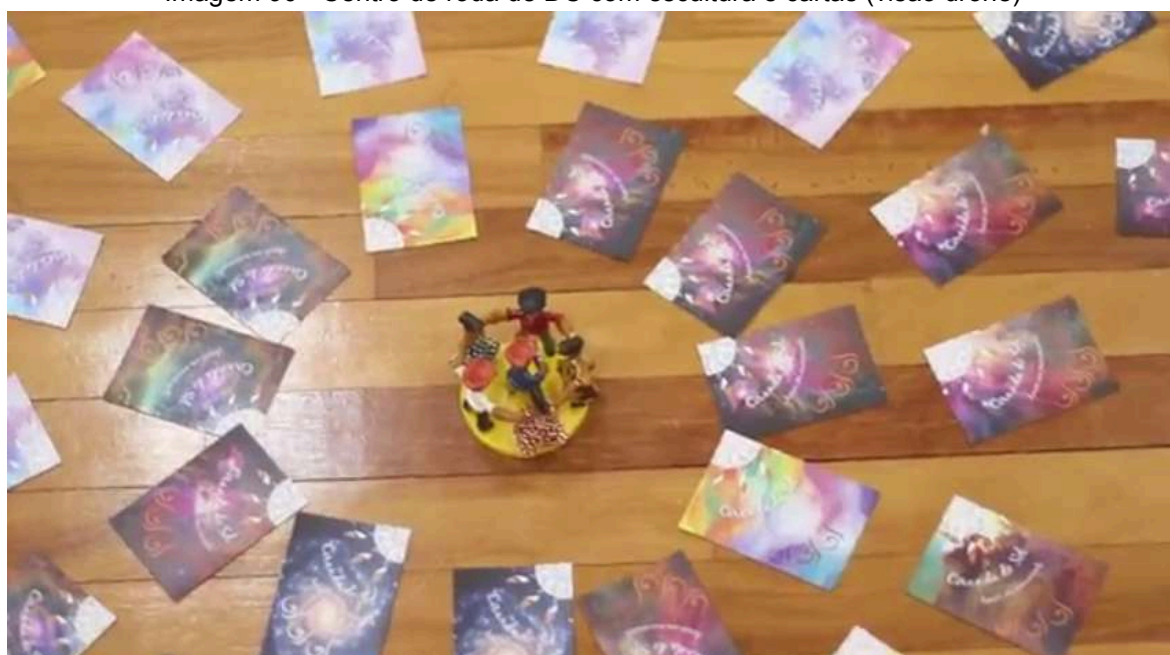
⁶ Ciranda do Sol: Amor em Movimento. Composto por cartas com citações e mensagens que são convites para dançar na magia das palavras. No passo, por que no universo dançante dos elementos que compõem as Danças Circulares Sagradas não cabe conhecimento pré-estabelecido e inflexível. As cartas podem dinamizar as rodas de convivência, ampliando com sabedoria a capacidade de compreender o mundo e a si mesmo, nas fronteiras sutil que estão na percepção de cada um/ uma que dança. Inspirações e meditações de Solange Mareschi - mestrado em educação/UFMT no tema Danças Circulares Sagradas e a Interculturalidade.

Imagens 87 a 89 - Centro de roda de DC com escultura e cartas



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 90 - Centro de roda de DC com escultura e cartas (visão drone)



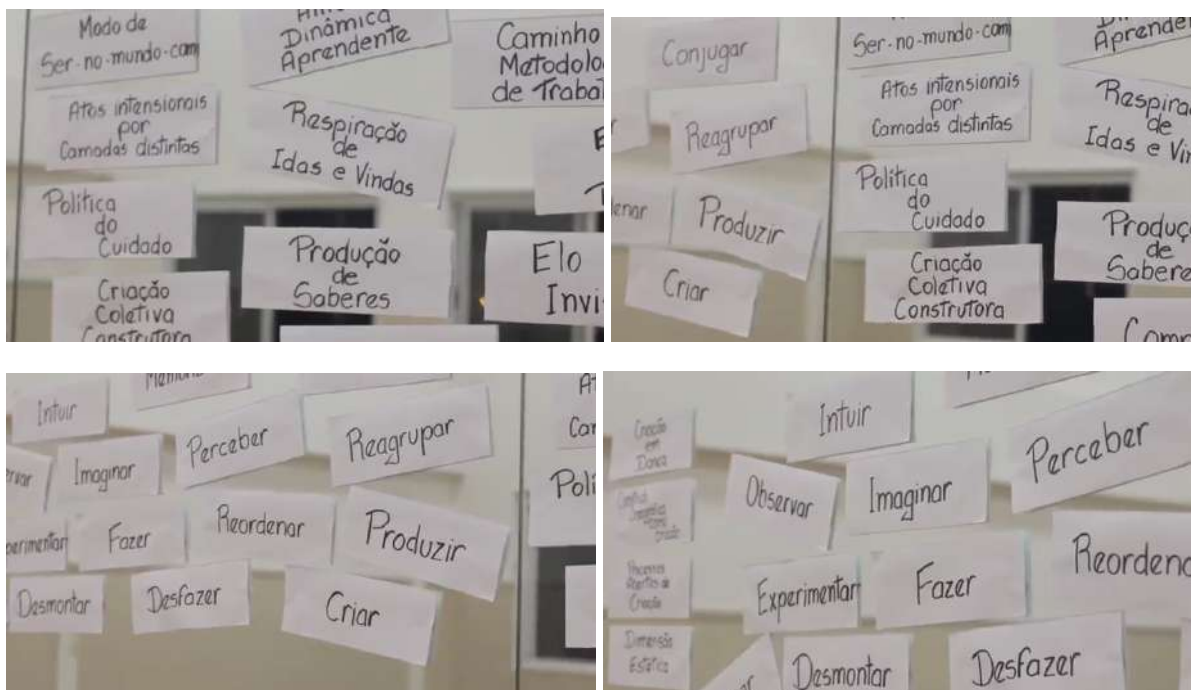
Fonte: Acervo pessoal

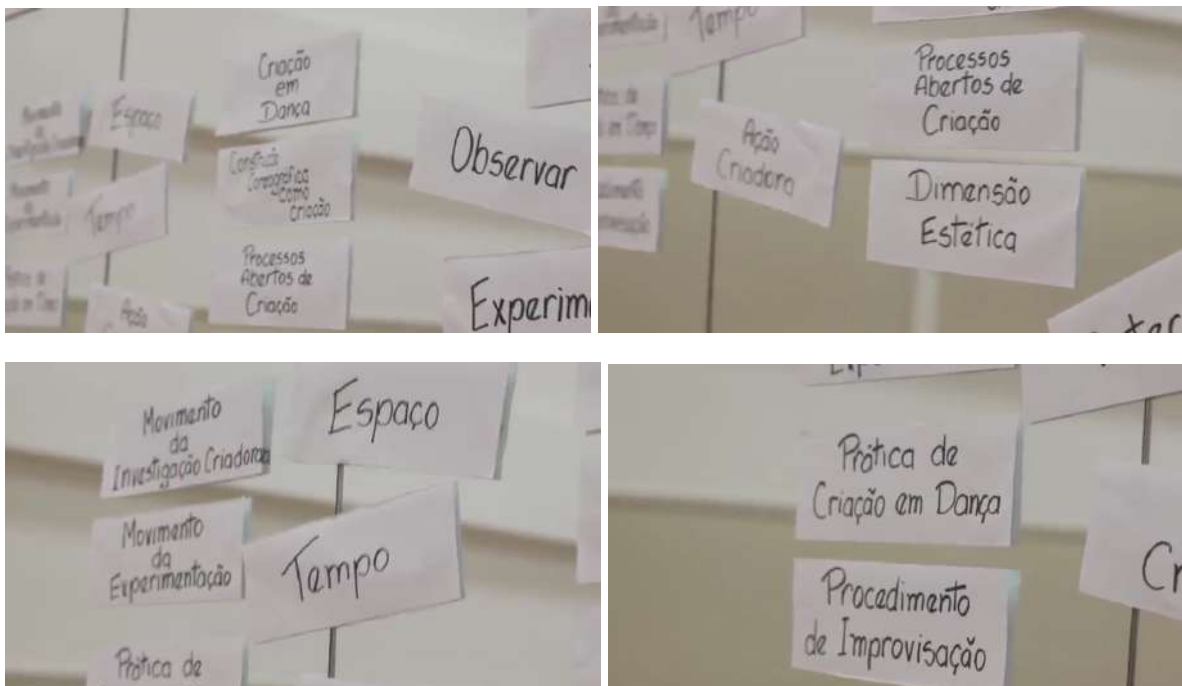
Durante a chegada dos participantes o espaço já estava montado. E foi disponibilizado um tempo para observação. Mas, não foi explícito que era para observar. Apenas foi informado o adiamento do começo das atividades. No entanto, a atividade já tinha começado, pois o objetivo da proposta era disponibilizar um tempo para cada um observar o espaço, as palavras ao seu modo e ao seu tempo.

Enquanto pesquisadora-docente procurei observar como os participantes chegavam, o que olhavam primeiro, estava atenta aos comentários e movimentos corporais.

Após o tempo para chegada e observação do espaço, formou-se uma roda com explicação da proposta do encontro com retomada de alguns pontos importantes na pesquisa, como: a partir do terceiro encontro as propostas foram sendo construídas semana a semana com participação e colaboração dos participantes. A partir de demandas, interesses e *insights* que surgiram nos encontros anteriores.

Imagens 91 a 98 - Quadro de palavras relacionadas aos processos de criação em dança





Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, ainda na formação em roda, foi realizado um momento de preparação corporal, baseado no exercício da Pequena Dança, de Steve Paxton⁷, com o objetivo de observar e perceber a verticalidade. Após observar como o corpo se mantém de pé, foi conduzida observação de como é se manter em pé e em roda com as pessoas; em pé, em roda com as pessoas e de mãos dadas.

Imagem 99 - Exercício Pequena Dança



Fonte: Acervo pessoal

⁷ Steve Paxton é um dançarino experimental e coreógrafo.

Imagem 100 - Exercício de atenção plena em roda e sentimento oceânico



Fonte: Acervo pessoal

Ainda em roda, foi conduzida uma rodada dos nomes, seguida de silêncio com olhar para si e para o outro. Aqui foi possível observar o sentimento oceânico, que se trata de sensação sutil e subjetiva integração sem barreiras com o meio, além de uma sensação de horizontes sem limites.

Em seguida, ocorreu o momento de apresentação da proposta do encontro: dançar a coreografia condutora da pesquisa (*Chuva de Bênção*); momento de roda de conversa, a partir das cartas do oráculo *Cirando do Sol: Amor em Movimento*, momento para a apresentação das coreografias selecionadas e /ou criadas pelos participantes pela dinâmica do: que tal uma dança de ...?

Imagens 101 a 110 - Coreografia Chuva de Bênção no quinto encontro



Fonte: Acervo pessoal

Após a dança, iniciou-se o momento dos participantes apresentarem as suas coreografias. Estas podiam ser a partir da dinâmica: que tal uma dança de...? ou outra motivação.

Para o participante Christian foi sorteada a proposta: que tal uma dança dos quatro elementos? Ele optou por escolher coreografias que remetessem aos elementos água, terra, ar e fogo. Fazendo uma releitura das coreografias.

Mesmo na releitura coreográfica é possível verificar aspectos apresentados por Lobo e Navas (2008) quanto a identidade de cada criador, sua química pessoal, sua forma de sentir e pensar o mundo, por meio de suas escrituras corporais de movimento, de uma assinatura pessoal.

A primeira coreografia circular ensinada foi a de Lucia Cordeiro⁸ e música de Camila Costa, remetendo ao elemento água. Nas palavras de Christian:

Acho que esta coreografia tem tudo haver com a pesquisa, com as Danças Circulares, chamada de Circular tanto a dança quanto a música. Vamos nos dar as mãos para começar. Vamos fazer o seguinte? Para aprender, vamos fazer de mãos soltas? Porque a roda está pequeninha. Vamos arejar a roda, abrir. Nós vamos primeiro fazer uma ciranda com quatro passos de ciranda. Lembrem que a perna esquerda que vai a frente e vai atrás. O tônus é da perna e o corpo acompanha. Fez movimento com os braços e mãos. Não falou, apenas demonstrou. Para quem não conhece, a ciranda representa as ondas do mar batendo na areia. Foi a inspiração. E chu-áa e volta. Esquerdo chu-áa e volto. Já que o nosso lado esquerdo é responsável pela nossa sensibilidade, maleabilidade. Tem total ligação com água. É por isso, que a ciranda é feita com o lado esquerdo. Feito os quatro passos de ciranda a gente vai suavizar com o passo da trança. Perna esquerda ainda passa na frente da direita, deita abre, esquerda vem por trás. Faz isso quatro vezes. Sempre que entrar no refrão, vamos ao centro. E como vamos ao centro? Com um passinho chamado de passo-junta-passo. Olhem! (Demonstrou). E a gente vem com toda ginga, é uma música brasileira, vem com a ginga que a gente quiser. E volta em quatro passos para trás. Demonstra como é o passo para trás. Fala que faremos muitas vezes, sempre que tiver o refrão. E quando chega atrás arremata com o movimento como se tivesse um bambolê grandão na cintura. Que é o circular. Se tiver o refrão, repete os passos do refrão de dentro e fora da roda e bambolear o quadril. Se começar novamente as estrofes, a gente começa na ciranda de novo. Vai ter alguns momentos que depois de bambolear com quadril, a gente faz passos que são livres, durante o tempo que ficar a sessão da música. Falou que no início vai dar um toque de quando acontece e quando termina. Mas que depois não precisará pois iremos reconhecer na música.

⁸ Lucia Cordeiro, nascida no Rio de Janeiro/RJ, dançarina, coreógrafa, terapeuta corporal, desenvolve desde 2003 um repertório baseado nas tradições populares e sagradas brasileiras e latinas. Membro do Conselho Internacional da Dança da UNESCO. Disponível em: <https://dancacircular.com.br/>. Acesso em: julho de 2022.

Perguntou se os passos estão tranquilos, se tem dúvidas, ou se poderíamos dançar.

Com a descrição da coreografia, é possível discriminá-la como semi-estruturada, tendo o quesito repetição na execução. Além do passo da ciranda, remete as ondas do mar, ligada ao elemento água; tem uma clima de fluidez que é possível trazer referência de diversos movimentos presentes na água.

Imagens 111 a 118 - Que tal uma dança dos quatro elementos? Coreografia Circular (água)



Fonte: Acervo pessoal

A segunda coreografia ensinada foi “Céu e Terra”, da coreógrafa Cristiana Menezes⁹, com a música Elegia, de Karl Jenkins *et al.* remetendo aos elementos ar e terra.

Imagens 119 a 126 - Que tal uma dança dos quatro elementos? Coreografia Céu e Terra (ar e terra)



Fonte: Acervo pessoal

⁹ Cristiana Menezes, nascida em Belo Horizonte/MG, artista profissional da dança, coreógrafa, mestra de ballet graduada em Música (licenciatura) e focalizadora de dança circular desde 1994. Oferece cursos de formação e de metodologia de ensino em vários estados brasileiros. Autora de um amplo repertório de Danças Circulares. Tradutora e intérprete na língua inglesa. Disponível em: <https://dancacircular.com.br/>. Acesso em: julho de 2022.

Vale destacar a potência que cada coreografia tem para promover determinados estados de presença e expressividade. Ao fim da dança, aconteceu um momento de silêncio. Alguns dos presentes fecharam os olhos e mantiveram as mãos no coração. O participante Christian comentou sobre o aspecto tocante da dança e o movimento que sempre ia ao céu, voltava buscando o coração e cada vez que ia para a terra também voltava buscando o coração.

Imagens 127 a 135 - Detalhes de coreográficas



Fonte: Acervo pessoal

A terceira coreografia ensinada foi *Australian Fire Dance*, da coreógrafa Rosie Fagg, com a música *Outback*, do álbum *Baka Airplay* remetendo ao elemento fogo. Nas palavras de Christian:

Australian Fire Dance. Agora vamos ativar o fogo. O fogo está no meio. Primeiro, a gente vai no sentido do círculo fazendo passo-junta-passo. O participante A realizou a sequência toda e pediu observação. Na hora do fogo, mostrou o passo com os pés e as mãos livres. O movimento é livre, mas mantém a conformação da roda sem espalhar pelo espaço; também procura manter mais ou menos a mesma distância entre um e outro e soltar o fogo com as mãos. Quando vai para o centro, a gente ativa o nosso fogo e abana o fogo. Atenção ao “didiridum” da música que é muito bacanão!

Imagens 136 a 142 - Que tal uma dança dos quatro elementos? Coreografia *Australian Fire Dance* (fogo)





Fonte: Acervo pessoal

Ao final, houve um abraço coletivo, silêncio, respiração ofegante e risos. Em seguida, curtíssimo intervalo. No retorno, sentamos em roda e iniciamos a proposta com as cartas do oráculo *Ciranda do Sol: Amor em Movimento*, em formato de roda de conversa, com a dinâmica de partilhar as conexões com o processo dos encontros, aspectos e história de vida.

Nãna:

As cartas presentes no centro são construídas de palavras e textos que estão atrelados às Danças Circulares. Por exemplo, ancestralidade é apresentado um texto sobre ancestralidade atrelando as Danças Circulares. O objetivo da proposta é com esta prática, esta ação de criação tirar uma carta e tentar contextualizar com o que a gente viveu nos encontros passados e no de hoje. O exercício de expressar o que conseguiu experienciar a partir do conteúdo da carta. Além de ser o momento para trazer na fala o que julgar importante. Fique um tempinho olhando as cartas, se concentre para depois escolher.

Imagens 143 e 144 - Explicação da roda de conversa com as cartas



Fonte: Acervo pessoal

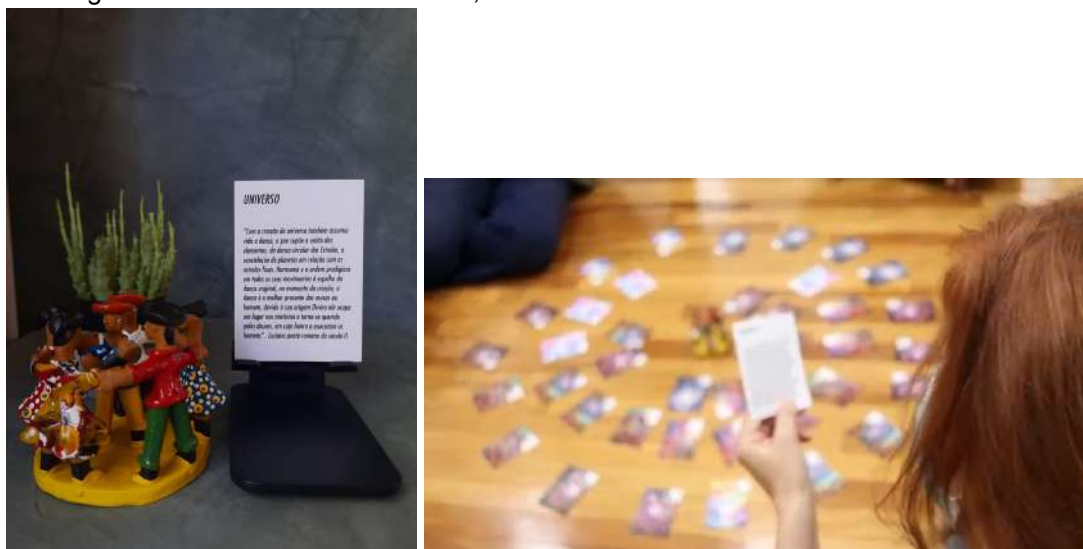
Imagem 145 - Seleção e leitura individual das cartas



Fonte: Acervo pessoal

Cada um leu sua carta e as falas foram ocorrendo aleatoriamente. A primeira a falar foi a participante Camila e a carta retirada foi “Universo”.

Imagens 146 e 147 - Carta Universo, do oráculo Ciranda do Sol: Amor em Movimento



Fonte: Acervo pessoal

Camila:

Eita que forte! Vamos tentar aqui com a carta. A dança, desde quando eu faço dança, ele me mostra diversos universos. Principalmente culturas, neh!? Quando a gente dança várias danças de vários povos. Quando a gente se desafia em acertar um passo. Quanto a gente se desafia principalmente em estar no coletivo e dançar em harmonia em um coletivo vai preenchendo nosso próprio universo. Então, com o tempo de dança eu fui entendendo isso. Em algumas rodas eu saia extremamente incomodada, em outras rodas eu saia extremamente feliz, em outras rodas eu saia extremamente mexida. Mas de qualquer forma, eu sinto que a dança mexe com o meu universo. Aquele universo particular que cada um tem. Aqui nas vivências dos 5 encontros, eu pensei muito na minha relação com a dança enquanto bastidor. Que foi o que vim buscar, neh!? Porque eu sempre chego na roda ela já está pronta. Eu queria entender muito essa coisa de você pensar na dança durante o dia, preparar a dança, preparar os passos, ver a conexão que tem a roda. Tudo isso, foi muito legal de eu perceber como você foi fazendo esse trabalho. E foi interessante, você falar que no terceiro encontro, você já largou, deixou fluir. Mas você tinha uma linha. Eu percebia isso. Em todos os encontros você tinha uma linha e ela ia fluindo conforme o grupo. É uma coisa que eu levo dessa vivência é um desafio para mim. Em todas as rodas que eu já tive, eu nunca vi uma dança de Rock. Rock pesado. Eu sou roqueira, eu gosto muito de rock. Gosto de Metallica e de Airon. Então assim, eu fiquei pensando que eu nunca vi uma dança de rock mesmo em uma roda de Dança Circular. A gente sempre vê um MPB, um reggae, um forró, um baião, mas um rockão pesado mesmo, eu nunca vi. E esse é o desafio que eu vou levar para mim. Quem sabe um dia, eu vou estar dançando e vou coreografar uma roda de rock pesado, de músicas que eu gosto. Eu achei bem curioso o que isso trouxe para mim, neh!? Essa coisa de juntar eu gostar muito de rock e tentar fazer uma dança mais movimentada mesmo. Porque eu acho que a dança, a roda faz isso com você. Ela te faz recolher, ela te faz expandir, ela faz você soltar muita coisa, ela faz você mexer internamente. E é isso, que vou tentar linkar: minha felicidade no Rock com a Roda.

Com a partilha da participante Camila observa-se o interesse em entender o processo de criação em dança; também foi apresentado um desafio pessoal coreográfico de repertório com músicas de Rock’N Roll.

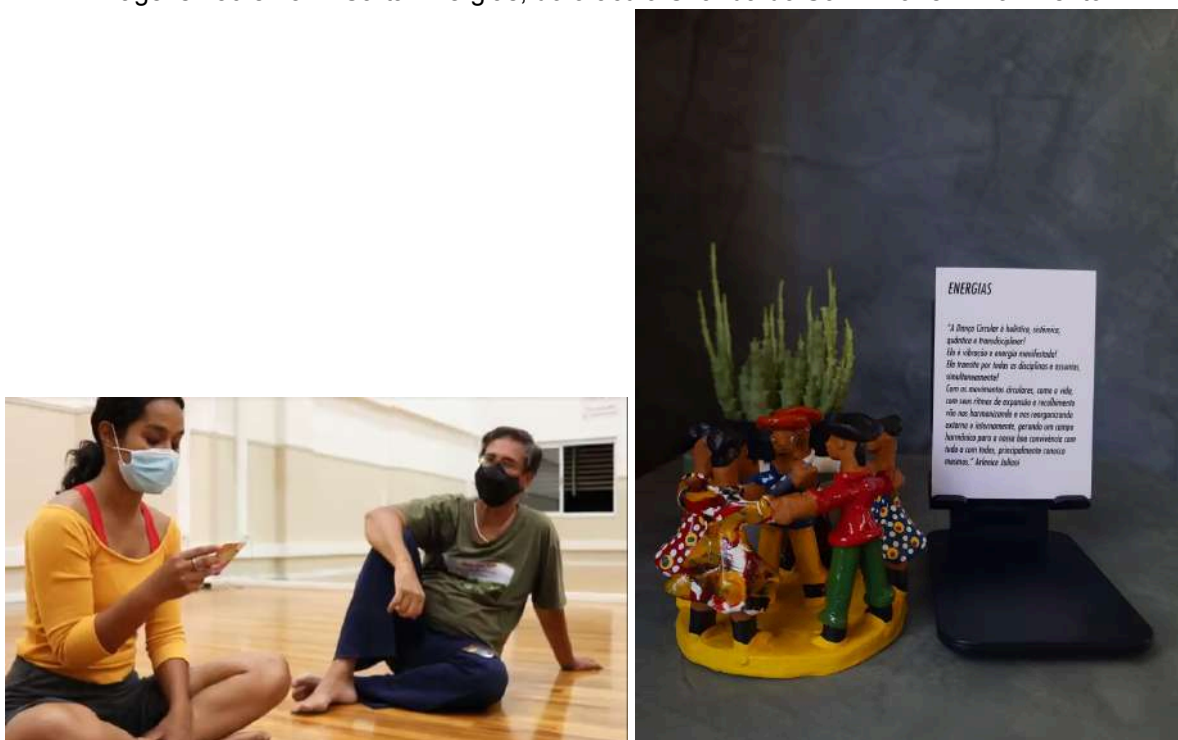
Imagens 148 e 149 - Close das participações na roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, a pesquisadora compartilha a sua fala. A carta retirada foi “Energias”.

Imagens 150 e 151 - Carta Energias, do oráculo Ciranda do Sol: Amor em Movimento



Fonte: Acervo pessoal

Nãna:

Vou começar falando da parte holística. Conheci esta palavra na minha primeira graduação na área da Saúde, Farmácia. Eu lembro que fiquei um tempão com essa palavra na minha cabeça e observações. Ficava realizando constatação em mim mesma de que realmente eu sou holística

(Risos). Eu era bem jovem, tá!? Eu tinha uma percepção diferente. Mas foi interessante, porque foi uma palavra que eu lembro que me marcou, no sentido bem primário de entendido e de conceito. Aqui também fala de manifestar, de ser simultâneo, de atrelar tudo, te integração, neh!? Uma coisa que eu acho muito incrível é isso de você ser uma infinidade de coisas que estão acontecendo, mas tem um sistema com essas infinidades de coisas que vão se reorganizando simultaneamente. E que existem várias camadas, várias coisas. Para mim, é algo que é muito vivo, sabe!? É que vivo diariamente e que hoje consigo ter a percepção disso. A Dança Circular, quando eu conheci, eu acho que compartilhei com vocês a experiência do que foi... foi justamente isso, tantas coisas que eu sinto, que eu vivo e que acontece está tendo aqui nesse espaço, nesse momento, nessa configuração. A parte sobre a harmonização, eu acho incrível que a Dança Circular vem para esse lugar de harmonização muito forte. E é uma coisa que eu gosto de compartilhar com as pessoas, essa experiência. De ver cada um se harmonizando ao seu modo no coletivo, sabe!? Nesse espaço em roda, em roda com dança. Isso motivou minha pesquisa. Construir esse lugar. Estou aqui em uma graduação, em um mundo acadêmico, me questionei o que eu vou pesquisar? O que eu vou fazer? Para que serviu tudo isso aqui? Para mim, durante o IFB, foi muito especial estar ocupando este espaço enquanto acadêmica de dança. Foi muito especial, justamente pelas vivências, pelas propostas que tinham aqui, pela possibilidade de experimentar, sabe!? Com essa carta que saiu, me veio muito isso, esse lugar da experiência, do seu modo de ser, de acessar outras coisas, de experimentar outras coisas, e buscar alcançar outros lugares, conhecer coisas. Dando uma justificativa para a pesquisa, tentei construir esse lugar do que eu vivi no IFB e eu queria oferecer isso também para as pessoas. Por isso, propus essas vivências em formato de laboratório de pesquisa sobre processos de criação em dança, com foco nas coreografias em Danças Circulares. É isso!

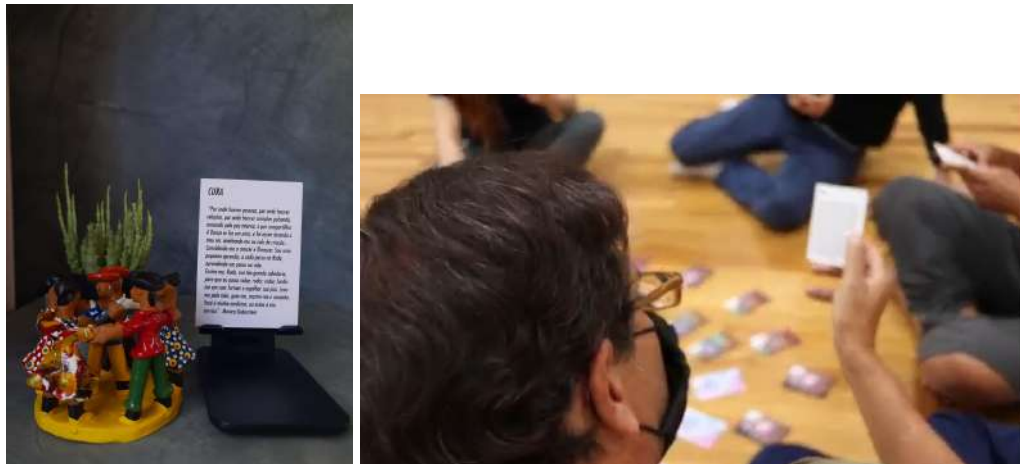
Com esse espaço de fala foi possível reconhecer sentidos, motivações que justificam a maneira que a pesquisa foi desenvolvida. Reconhecendo os meandros que envolvem a Prática como Pesquisa na Arte. Além de reconhecer e praticar, um aspecto que julgo relevante para a formação docente, que é(são) a(s) pessoa(s) estarem na centralidade do processo.

Imagens 152 e 153 - Close das participações na roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal

Na sequência, o participante Christian continuou com a fala na roda de conversa, abordando o processo de escolha da carta e suas considerações.



Fonte: Acervo pessoal

Christian:

Essa cartinha estava aqui, e a carta que estava do lado acho que outra pessoa pegou. Eu tava aqui, sentei aqui, e olhei assim e a cartinha daqui me chamou a atenção. Na hora que eu fui pegar, ela gritou e falou: não, sou eu. Mas eu fui pegar a outra que falou que você não tinha me escolhido. Aí quando eu fui pegar a carta gritou: ou não, sou eu! Com tanta força que eu fui e a peguei. E olha só que curiosidade como isso aqui é a história da minha vida. Esta cartinha é a de Cura. Desde menino, pequenininho, desde que posso me lembrar, as pessoas dão o seguinte depoimento: nossa de repente eu sou invadido por uma paz quando estou ao seu lado; ou basta você tocar, fazer uma massagem é como tirar com a mão a dor, a ansiedade. Todas as vezes que eu busquei a espiritualidade, todas as pessoas sensíveis me falavam, você tem uma sensibilidade de cura muito forte. Neh!? Eu sempre presenciei isso ao meu redor. E muitas vezes senti isso mesmo. Inclusive muitas vezes senti o desejo de ajudar e de fato consegui ou com minha presença ou com meu toque. Eis que me sai a cartinha de Cura gritando por mim ali desesperadamente, não me deixou pegar a outra. E muito bem. Cura (leu a carta). Continuando o meu depoimento pessoal. Há mais ou menos 20 anos atrás eu conhecia a Dança Circular, já tinha escutado falar sobre ela e experimentei. Gostei muito. Comecei a frequentar. Logo comecei a frequentar muito. O Rodas da Lua, que não existe mais, abriu uma turma de formação, a única turma de formação que aconteceu lá e depois ela extinguiu-se. Todas as pessoas falavam que precisava fazer essa formação, porque estava sempre lá e gostava muito de dançar. E eu, mas eu não tenho intenção de trabalhar com isso vou dedicar dois, três anos. Foram dois anos de formação. Super profunda, super ampla. Eu não me arrependi de fazer a formação. Foi uma formação maravilhosa. E desde do início da formação eu já comecei a focalizar rodas. Porque eu na verdade já estava com essa tendência. Eu não queria fazer a formação, porque eu não pretendia me profissionalizar. Mas enriqueci muito, acabei me profissionalizando. Muito da cura que passei a trazer nos últimos 20 anos pro ambientes ao meu redor, foi através da dança. Então, eu também sempre recebi esse tipo de depoimento sobre a dança que eu trazia, sobre as coreografias que eu criava. E a dança também foi extremamente importante em um momento muito difícil, muito down da minha vida. A dança, particularmente a Circular, outras também, mas particularmente a Dança Circular, eu considero que me mantiveram vivo. Não só vivo fisicamente, que a gente pode ir minguando, minguando até que um dia morre mesmo, neh? Mas vivo socialmente, vivo emocionalmente, vivo afetivamente. Muitas vezes aos trancos e barrancos,

mas segurou minha ponta. Uma ponta muito “braba” ela segurou...
Obrigada!

Com a partilha na roda, é possível evidenciar e destacar o potencial curativo das danças e, especificamente, das Danças Circulares em diversos aspectos, como: físicos, emocionais e sociais.

Imagens 156 e 157 - Close das participações na roda de conversa



Fonte: Acervo pessoal

Comentei sobre a carta Cura, de como está atrelada a minha vida e escolha profissional. Além de perceber que a pesquisa desenvolvida tem cura, é de cura. Está embasada em cura. Também da pesquisa ser desenvolvida com/como cura.

Nãna:

Eu lembro que uma das primeiras aulas que tive no curso de Licenciatura de Dança foi com a Profa. Suse, inclusive hoje ela é minha orientadora de TCC, lembro-me que ela perguntou para turma por que cada um estava aqui (no curso de Licenciatura em Dança) e o que queria com o curso. Eu até me emociono, porque eu lembro do momento de cura que vivenciava. Também, recordo-me que respondi que o meu objetivo com a dança era com dança de cura. É muito interessante isso, porque quando estava programando o tema do TCC, eu não me apeguei a esse aspecto. Mas com essa roda de conversa, percebo a pesquisa do TCC como uma pesquisa que tem cura, é um trabalho de dança com/de cura.

O participante Ermeson continuou comentando sobre cura e, em seguida, compartilhou sobre sua carta, que foi: Fronteira.

Ermeson:

Em relação a palavra cura, eu estava lembrando, não sei onde eu vi, acho que foi em um evento, eu acho que já falei isso no primeiro dia, mas falava que a forma humana mais antiga de cura é a roda. Está em roda já é uma forma de cura. Eu fui aprendendo que simplesmente eu gosto de estar em roda sem muita racionalização. Já participei de muitas rodas, tanto de comunicação não violenta, cuidado da autoestima, terapia comunitária. Notei que várias questões acontecem quando a gente está em roda, mesmo permanecendo em silêncio. Alguma coisa está se operando ali, na roda, para além do conhecimento, além da racionalização. Você falou de cura, você falou de roda então eu lembrei disso.



Fonte: Acervo pessoal

Ermeson:

A minha cartinha veio Fronteiras. Vou falar algo pontual. Eu justamente cheguei atrasado hoje, porque estava passando por um momento desafiante. Acabei de vir de Padre Bernardo que está muito longe daqui e eu recebi a notícia que talvez eu vá morar por lá. É um movimento que aparentemente eu não queria, porque eu não quero ficar longe das danças [...]. Enfim, veio a palavra Fronteiras, eu estou justamente saindo das fronteiras de Brasília, DF, e indo para outro local. Aqui na cartinha diz assim ... (leu a carta). É muito interessante isso, porque tem muita coisa que se opera na dança. Quando eu danço é bem pontual com o que essa carta traduz, de sair um pouco do racional [...].

O participante também contou de uma experiência que teve em roda e como ela contribui para o seu entendimento de totalidade. Em suas palavras:

Eu lembro muito bem que tinha uma criança na roda e a sandália dela caiu, com isso, ela começou a reclamar querendo a sandália. A roda toda parou para a criança poder botar a sandália dela. Na hora me veio uma sensação muito tremenda. Cara, faz todo sentido isso, enquanto aquela criança que é apenas um integrante não estiver confortável o todo não vai ficar confortável. Porque aquela criança vai ficar gritando, vai ficar puxando. Então é natural a gente parar para que ela atenda a sua necessidade, para que a roda possa girar em harmonia de novo. Para mim veio esse insight, que realmente o que afeta qualquer um da roda vai afetar todo mundo. Se afetar a qualquer um, vai afetar a mim. Então pra mim é crucial que aquela criança estivesse bem, porque o bem dela automaticamente ia refletir no bem estar meu e de todo o grupo. **Para mim veio essa sensação de totalidade naquele momento. Então assim é a experiência de totalidade que a roda me proporciona.** Era o que eu queria compartilhar. O meu nome é Ermeson, assim falei.

Na sequência, Guiga faz uso da palavra, entre outros assuntos, aborda sobre a espontaneidade na dança.

Guiga:

Gente eu tirei essa cartinha (mostrou). A Nãna falou para a gente meio que colocar a intenção do que a gente buscava. Aí, eu quis colocar a intenção do que a dança espera de mim, do que é projetado sobre mim. Aí veio Entusiasmo. E acho que caiu muito muito muito para todo o percurso da vida de forma geral. Eu vou ler aqui (leu a carta)... eu acho que essa carta veio para mim, porque para mim é um desafio muito grande me colocar uma pessoa espontânea nos espaços. A espontaneidade é uma coisa que eu busco na minha vida desde sempre, mas na minha vida desde cedo vem sendo retirada de mim de diversas formas a partir do meu corpo. Porque meu corpo sempre expressou relações afetivas de forma a afetar. Eu sempre afetei muito as pessoas ao meu redor a partir da minha forma de agir, das minhas expressões femininas, das minhas formas não masculinas e não femininas que não se encaixam nisso também. Mas eu sinto que esse movimento de ir da minha energia e retorno fez com que eu fosse me tornando de certa forma uma pessoa morna nesses espaços. Uma pessoa que está ali e se coloca, mas que tenta não chamar a atenção para si, tentar não sobrepor a energia do que está em volta. Eu já me vi fazendo isso em vários momentos, mas acabou que com o tempo eu fui aprendendo a fazer isso de forma racionalizada a partir da fala entusiasmada com as coisas ou de entusiasmar as pessoas a partir de argumentos. Porque não sei, às vezes, eu me sentia meio que é... às vezes a sociedade coloca meio no campo da loucura a pessoa que é muito entusiasmada. É como se ela estivesse louca, ela não estivesse enxergando o entorno e aí, eu sinto que nestes últimos anos pra cá eu fui enrijecendo no sentido do entusiasmo. Até por conta desse nosso contexto, que a gente vive, e tem se agravado de verdade essas questões. Eu sou uma pessoa que eu estudo muito cidade, eu estudo urbanismo, então eu tendo a buscar muito enxergar as coisas a partir de visões micro e macro. Eu sempre estou fazendo esse movimento de me tirar de mim também e me colocar no outro, mas de me tirar desse contexto e tentar enxergar os ciclos. Os ciclos que a gente está envolvendo e sendo envolvido, neh!? Aí eu sinto que nesse processo eu enrijei muito. E o único momento que eu me sinto entusiasmada hoje, transmitindo entusiasmo é quando eu estou dançando. É quando eu sinto que eu consigo ser plena, eu sinto que eu não tenho fronteiras. Na fala hoje eu me sinto muito contraído, porque a gente tem que ter cuidado com o que a gente fala, pra quem a gente fala, onde a gente fala, sobre o que a gente fala. Mas na dança não, é... entra em um campo de subjetividade que é muito poderoso, neh!? E aí a dança me evoca eu trazer esse entusiasmo que eu transmito que as pessoas falam que eu transmito na dança pra minha vida de forma geral e isso tem sido um movimento que eu tenho feito já... já tem anos que estou nesse movimento caminhando, engatinhado que eu estou melhorando. Mas eu fico muito contente de ter aparecido essa carta porque é isso, é um desafio meu que está colocado. E que eu vejo que não é meu, a gente tem muita dificuldade de ser quem a gente é, de expressar, de assumir certo sentimento, certas vontades, o que vem de dentro, neh!? E a dança é isso pra gente, esse chamado, neh!? Porque a dança quando você pensa você já fez. Às vezes, eu penso uma coisa que eu já fiz, então não dava tempo de eu me tolher ou de eu tentar segurar uma expressão às vezes ou de tentar segurar a expressão do outro. Porque quando eu vi, aí já aconteceu. O presente é agora neh!? E dança é muito presente, neh!? E aí é isso, eu sinto que a dança retorna a esse movimento presente que é onde está a nossa potência. Eu acho que o passado traz toda a fortaleza de entender neh!? De onde vem as nossas raízes, o futuro está aí como

possibilidade, mas é o presente que a gente consegue se conectar e alterar as coisas e se colocar. Então entusiasmo eu acho que é isso é viver o presente e achar felicidade nesse presente e transmitir essa felicidade, se conectar na felicidade do outro também, neh!? Tipo acolher a felicidade do outro, no movimento de troca. É complexo.

Imagens 160 e 161 - Carta Entusiasmo, do oráculo Ciranda do Sol: Amor em Movimento e roda de partilha



Fonte: Acervo pessoal

Após a fala de Guiga, o participante Christian pediu para falar um verso de Viviane Mosé, do livro *Pensamento Chão* (2007) “(...) dançar é uma forma de amolecer os poemas endurecidos no corpo”. E comentou que o poema inteiro é maravilhoso. “De fato, somos poemas em todas as manifestações, basta a gente conseguir enxergar isso. E manifestar”.

Na sequência, Guiga e eu falamos a palavra Manifestar, nos olhamos e sorrimos. Conexões sublimes aconteceram, retomando o experienciado em residência artística CorpoManifesta mês atrás.

Em seguida, o convidado Daniel Gadelha, continuou a dinâmica em roda com a partilha sobre a carta Tessituras.

Daniel:

Na verdade, eu nunca tinha escutado essa palavra. Eu nunca tinha visto na verdade. A palavra tessitura. Nunca tinha escutado, mas quando eu li o texto aqui fez um pouco de sentido pra mim. (leitura da carta). Eu gosto muito de dança, participo de danças há alguns anos, mas não conheço Dança Circular. Só sei de nome assim, porque minha companheira trabalha com isso. Eu só sei o básico do básico. Fui uma vez com ela, deu pra ver alguma coisa, mas não conheço nada. Eu sou da dança de salão, gosto muito da dança de salão, sou apaixonado e só conheço aquilo, e gosto daquelas coisas, daquele jeito, daqueles passos, daqueles movimentos, a dança a dois, gosto muito. E desconheço isso aqui. Mas está aqui hoje para conhecer o trabalho dela, estar vivenciando um momento aqui com vocês da forma que a carta tá falando aqui para desarmar um pouco, conhecer e

aproveitar esse momento assim com vocês, para mim está sendo bem válido, bem gostoso. É isso, agradecer o momento aqui com vocês[...] dá uma acalmada e desopilar daqueles passos tal e de fazer muitas coisas, de interagir com vocês, fazer os passos que ele trouxe, e realmente está vivendo isso aqui é gostoso é bom enfim.

Imagens 162 e 163 - Roda de partilha e Carta Tessituras, do oráculo Ciranda do Sol: Amor em Movimento



Fonte: Acervo pessoal

Com a chegada do assunto “Dança de Salão”, o participante Guiga trouxe reflexões sobre aspectos coreográficos em ambas as danças: Samba e Circular.

Guiga:

Tem uma coisa que eu acho. Eu também vim da dança de salão, eu também não tenho conhecimento profundo sobre Danças Circulares. Mas eu vejo muitas conexões em diversas formas com a dança de salão. O samba mesmo é dançado em roda e girando. Ele vem de outras bases que também são essas aqui. Também já percebi que a gente está trabalhando, tem toda essa questão da comunidade. A dança de salão tem muita haver com tudo isso aqui.

A partilha foi finalizada pela participante Daniele:

Foi meio que proposital falar por último, porque eu queria ouvir todos. Meio que se encaixa na carta que eu tirei. A carta que eu tirei é vitalidade. Leu a carta... Antes de eu viajar um pouquinho, vou deixar uma pergunta para vocês refletirem no dia a dia ou não também. Vocês sabem quem você é? Antes mesmo de surgir o universo a dança já existia. E ela foi seguindo fronteiras e com entusiasmo abarcou diversas religiões e com essa vitalidade trouxe imensidão de cura a ambos os seres. Aí eu adentro no pântano novamente se você observar o pântano lá nasce qualquer espécie de planta ou simplesmente mato que você desconhece e pode se encaixar na palavra que ele tirou tessitura e aí você vê que tem vida em tudo que é a vida corporalmente falando seria a dança do sangue entre a pele e os ossos; [...]. E aí eu só observo que sempre dançamos dentro do ventre e já era uma dança circular. Embora em uma posição fetal mas ali é um círculo porque a barriga não fica quadrada. Trouxe Moze e eu ia trazer um pequeno

trecho de uma fala de Moze em um Café filosófico com o título O que pode o corpo. Moze traz Nietzsche. E Nietzsche coloca a dança como uma transvaloração dos valores porque temos você mesmo e o eu. O eu é aquilo que podemos nomear. CPF, endereço, RG, nome. O si mesmo é infalável, é a perda de si. Os movimentos que o Guiga faz tem isso essa perda de si. É inominável. É o que você está sentindo, ninguém pode falar. E a dança ela não é estática. Ela é temporal, acontece no tempo. A sensação pode ficar, sim. E é preciso também valorizar o não dito. Às vezes você não quer falar você só quer sentir. E em si mesmo toda essa loucurada, aí você entra no estado onírico da coisa. O estado onírico que eu sou vidrada. Que é a mistura de peso com fluxo. Coloca o peso forte e eu coloco peso leve eu vou no fluxo mais contido ou vou no livre [...] e assim a dança continua e trazendo para esse contexto da dança circular é tem tudo isso que eu falei e muito mais. Porque quando vamos em círculo vamos e vamos em uma fronteira com vitalidade podendo acessar a cura ou a mistura de energia e muitas vezes com entusiasmo e o universo agradece.

Imagens 164 e 165 - Roda de partilha e Carta Vitalidade, do oráculo Ciranda do Sol: Amor em Movimento



Fonte: Acervo pessoal

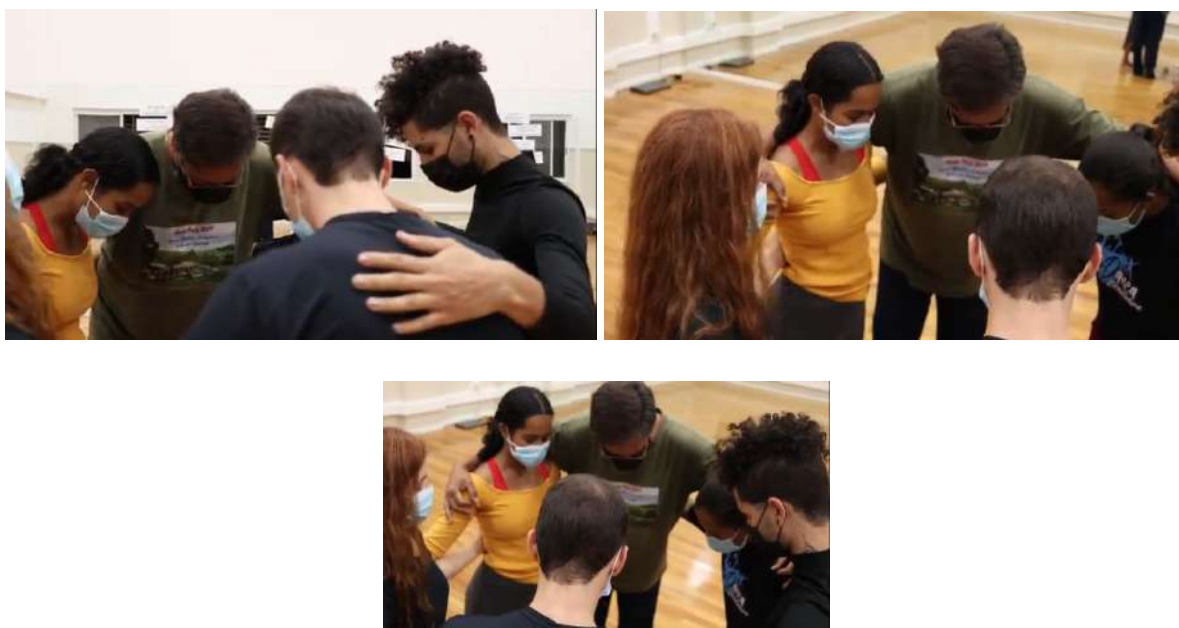
Com o encerramento da partilha em roda com o oráculo, continuou-se a apresentação das coreografias selecionadas e /ou criadas pelos participantes pela dinâmica do: que tal uma dança de ...? Para a proposta de paz, Camila sugeriu uma dança coreografada por Cristiana Menezes, com a música *Imagine*, de John Lennon. Para uma dança meditativa, Emerson propôs uma coreografia tradicional de dança

folclórica israelita, com música chamada *Ma navu*. Para uma dança de abertura, Daniele criou uma coreografia e escolheu a música *Rose*, de Ayla Schafer.

Com isso, em relação a proposta: que tal uma dança de...?, a maioria dos participantes realizaram releituras de coreografias de Danças Circulares expondo as conexões e associações realizadas com cada tema (paz, meditativa, quatro elementos, animal de poder). Uma participante, Daniele, criou uma coreografia para o tema, elaborando uma dança de abertura.

O quinto encontro foi finalizado com o fechamento breve, devido ao tempo de reserva da sala ter encerrado, e foi acordado o sexto encontro para continuidade das atividades e fechamento do trabalho.

Imagens 166 e 168 - Abraço em roda



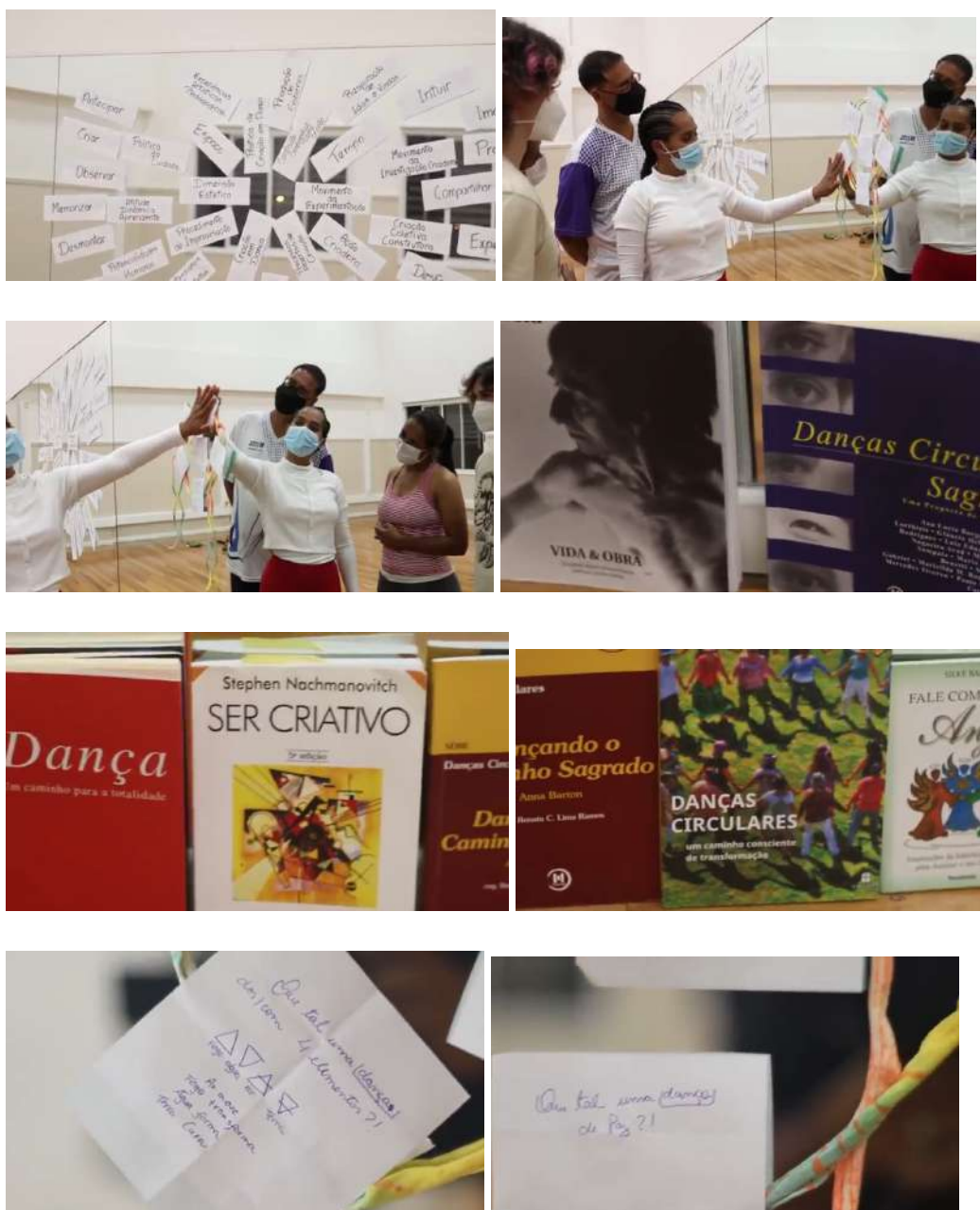
Fonte: Acervo pessoal

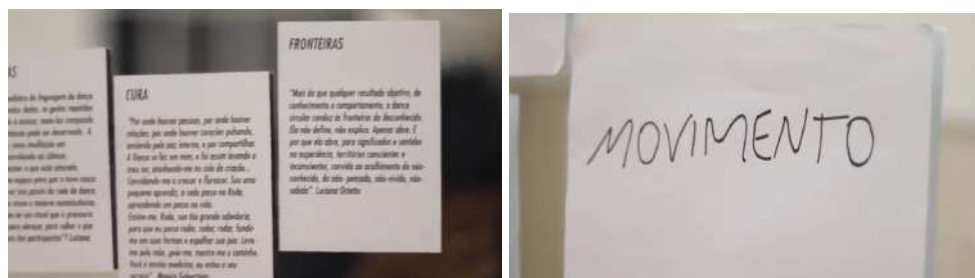
O sexto e último encontro, aconteceu no dia 06 de julho de 2022, em uma sala de dança do Instituto Federal Brasília, Campus Brasília. Nem todos os participantes puderam estar presentes. No entanto, o encontro foi proposto para finalizar a pesquisa. Neste encontro, foi exposto novamente o Quadro de Palavras-chave relacionado ao Processo de Criação em Dança e a pesquisa, além de todos os materiais elaborados e utilizados na pesquisa; continuação do compartilhamento das coreografias, participação de músico convidado Gabriel de

Oliveira, para realizar propostas sonoras (música experimental), além da presença de convidada Sara Moraes, dançarina com quem criei conexões pela Dança Circular e que estava na cidade na data do encerramento da pesquisa e que pactua de reflexões sobre danças e rodas de Dança Circular.

Neste encontro, o quadro de Palavras-chave relacionado ao Processo de Criação em Dança e a pesquisa foi apresentado com explicações sobre os fundamentos da pesquisa. Neste momento ocorreu uma análise e revisão das propostas de cada encontro. Refez-se o percurso do trabalho.

Imagens 169 a 178 - Exposição dos materiais utilizados na pesquisa





Fonte: Acervo pessoal

Em continuidade, a atividade de apresentar as danças da proposta: que tal uma dança de...?, seguimos com a apresentação da coreografia de Daniele, com Dança de Abertura. Vale enfatizar que, nas Danças Circulares, as coreografias são repassadas de forma a dançar junto. Com isso, são ensinados os movimentos, compartilhado o processo de criação e repassados os significados e sentidos construídos.

Dessa maneira, segue a transcrição de como foi ensinada a coreografia e parte de relato pessoal sobre o processo de criação de Daniele, para a coreografia Dança de Abertura.

Daniele:

Você vai estender a mão direita, depois à esquerda. Em cima, elas se encontram e descem em forma de prece; na altura do peito vai sair dedo por dedo aí vai lá embaixo como se fosse pegar a terra sobe trazendo pelo corpo, espalha, abrindo os braços e girar um, dois três e para de frente por círculo no quatro.

[...] Alguns dias antes da Nãna me chamar para esse projeto eu já tinha escutado a música Rose de Ayla Schafer e me veio a Nãna na cabeça com a Dança Circular. Depois observei o clipe da música, e tinha a Dança Circular no clipe. Com a proposta que tal uma dança de abertura: saiu dança de abertura aí eu falei assim ah vai ser nessa música.

Imagens 179 a 182 - Coreografia de Dança de Abertura (Daniele Félix)







Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, foi conduzida a prática com música ao vivo e experimental. A proposta consistia em se posicionar em roda, se conectar com as propostas coreográficas e deixar surgir os movimentos.

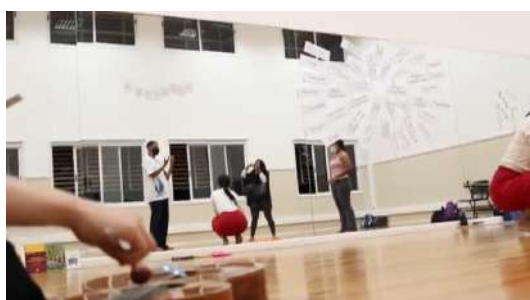
O músico convidado, Gabriel Oliveira, após ler as propostas de dança dos quatro elementos, se conectou com a lembrança das quatro estações e lembrou uma parte de uma coreografia de Pina Baush chamada *A Sagração da Primavera*.

Gabriel:

Eu gosto da proposta dos quatro elementos. Não sei se vocês chegaram a olhar, mas tem uma coreografia da Pina que ela faz as quatro estações. A coreografia é mais ou menos assim: vem a primavera, aí a planta depois cresce, aí vem o sol, aí é uma árvore e a folha cai, aí é frio de novo. Eu acho que musicalmente em questão de você ter um número de elementos dá uma liga.

Imagens 183 a 194 - Coreografia com tema das quatros estações e música experimental





Fonte: Acervo pessoal

Com a proposta, observou-se que os movimentos começaram de forma síncrona e, aos poucos, cada participante executava em tempos diferentes, ficando evidenciado o estado introspectivo e meditativo. Na maioria das vezes, nas Danças Circulares, as coreografias são executadas de forma síncrona pelos participantes. Outro ponto relevante, foi o fato de em um momento todos dançarem deitados no solo, com movimentos horizontais. Nas Danças Circulares, a verticalidade é uma característica.

Em continuidade ao encontro de encerramento, foram dançadas mais algumas coreografias entre elas: coreografia Clareia¹⁰, de minha autoria e duas coreografias referentes à celebração do Dia Mundial das Danças Circulares¹¹, referentes ao ano de 2022. Foram elas: *E La Ruota Gira* e *Tuman Yarom* - conduzidas por Christian.

Na primeira parte do fechamento do encontro, utilizou-se das palavras expostas no espelho da sala e de um oráculo que tem uma frase guia “Eu escolho sintonizar”, onde cada carta contém uma palavra.

Nãna:

A gente vai fazer o fechamento. Eu sempre gosto muito de fazer fechamentos com oráculos. Eu acho que a gente produz muita dança interna percebendo, desfazendo, imaginando, intuindo, criando, conjugando, fazendo” (lendo as palavras que estavam no espelho).

Cada participante retirou uma uma carta do oráculo.

Quadro 3 - Palavras da dinâmica de encerramento.

Participantes	Eu escolho sintonizar (carta do oráculo)
Nãna	Saúde
Sara	Desapego
Gabriel	Luz
Daniele	Merecimento

¹⁰ Primeira coreografia estruturada de Dança Circular da autora, criada em 2019.

¹¹ O Dia Mundial das Danças Circulares se celebra em todo o mundo no mesmo dia e todos dançam as mesmas coreografias e músicas. Cada ano é criado uma lista de celebrações por cidade, estado e país. No ano de 2022, foram selecionadas danças com a temática conexão. Disponível em: <https://globalcircledance.com/2022>. Acesso em julho de 2022.

Christian	Recursos
-----------	----------

Ainda como fechamento, foi realizada uma rodada para agradecimentos, últimas considerações e falas, cantos de encerramento e dança “Chuva de Benção”.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que as atividades propostas nessa pesquisa foram, também, embasadas na Metodologia Triangular de Ana Mae (contextualização, apreciação e fazer). De acordo com a abordagem triangular a contextualização está relacionada ao contexto histórico, cultural e social em que a obra foi criada. A apreciação envolve a análise e a interpretação da obra de arte, aqui no caso, dos movimentos e das coreografias, ao proporcionar observação e reflexão da dança permeada pelos aspectos contextuais. E o fazer artístico como a prática e a criação artística conduzida pela experimentação e expressão humana.

Em relação ao estudo coreográfico nas Danças Circulares, uma forma de avaliação é quanto ao tipo de composição coreográfica, podendo ser classificada em: estruturada, semi-estruturada, livre ou instantânea. Nas Danças Circulares as coreografias têm a característica mais marcante de ser estruturada, considerando que a coreografia é planejada e os movimentos definidos. Também, observa-se algumas propostas coreográficas semi-estruturadas que os dançantes têm liberdade para adicionar variações e interpretações pessoais dentro de uma estrutura geral. Já a composição coreográfica livre e instantânea não são corriqueiras e características nas Danças Circulares, tendo em vista que a coreografia não é criada espontaneamente e tão pouco tem maior foco na improvisação coletiva. No entanto, observa-se essas composições podem ser praticadas para o processo de criação em Danças Circulares.

Considerando a dimensão dramática das coreografias nas Danças Circulares - que se refere à maneira como as coreografias são estruturadas para contar histórias, expressar emoções e transmitir significados através do movimento - é possível verificar a construção de narrativas com os significados e símbolos atribuídos. Com isso, um aspecto marcante nas coreografias das Danças Circulares é envolver identidade e imagem.

Ou seja, uma grande quantidade de coreografias contam histórias ou transmitem mensagens específicas. Neste contexto, os significados e símbolos são escolhidos e incorporados nas coreografias e se relacionam com a cultura e a tradição. De maneira simplista, as narrativas incluem histórias tradicionais (mitos,

lendas ou histórias folclóricas que são transmitidas através das gerações) e temas contemporâneos (como, questões sociais ou ambientais).

Considerando os elementos constituintes da composição: dramaturgia, pesquisa de movimentos, elementos cênicos, trilha sonora e espaço. Em relação à dramaturgia, a DC é pautada na narrativa; quanto à pesquisa de movimentos, esta é caracterizada pela verticalidade, tendo em vista que os movimentos são dançados em sua maioria em nível alto.

Quanto ao uso de elementos cênicos, estes podem ser substituídos por elementos simbólicos e ritualísticos, principalmente na construção dos centros das rodas. Sobre a trilha sonora, nas coreografias de DC, as pesquisas de sons estão atreladas seja por instrumentos, sons corporais e voz. Quanto ao espaço, a DC é caracterizada pela ocupação coletiva, com conformações definidas, sendo a principal o círculo.

A Dança Circular tem uma característica marcante de permitir compartilhar de um momento com o outro, além de ser bastante inclusiva respeitando os limites e limitações de cada integrante. As coreografias são diversas e atreladas, fortemente, à música. Com uma diversidade de atmosfera desde celebrativas, catárticas e de silêncio.

Considerando que os objetivos dessa pesquisa foram - investigar contribuições dos processos coreográficos das Danças Circulares; estudar elementos coreográficos das Danças Circulares e desenvolver oficinas-laboratório, estimulando a pesquisa e a criação coreográfica em aulas de Danças Circulares - percebe-se que o processo envolvido com criação em dança e pesquisa para se desenvolver aulas-vivenciais, é necessário a presença dos aspectos artísticos, docentes e de pesquisador.

No aspecto artístico está relacionado a criatividade e expressão. No aspecto docente envolve planejamento e estruturação com foco no processo de aprendizagem considerando os conhecimentos de didática e metodologia. Já quanto ao aspecto de pesquisador relaciona-se a investigação e reflexão com desdobramentos na realização de documentação e análise.

Dessa maneira, integrar esses três aspectos em aulas-vivenciais de Danças Circulares é importante para criar um ambiente diverso e dinâmico que favorece o desenvolvimento técnico e criativo e promove uma compreensão mais profunda e reflexiva da dança.

REFERÊNCIAS

BADER, Silker. **Fale com os anjos**: inspirações da sabedoria angélica para animar o seu dia a dia. tradução de Zilda Hutchinson Schild Silva. São Paulo : Pensamento, 2011.

BARTON, Anna. **Danças Circulares**: dançando o Caminho Sagrado – Anna Barton; org. Renata C. L. Ramos; [tradução Márcia Schubert]. – São Paulo: TRIOM, 2012.

COSTA, Ana Lucia Borges da. **Dança**: Uma Herança a disposição de Todos. Apud in: Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura / organização Renata Carvalho Lima Ramos. – São Paulo : TRIOM : Faculdade Anhembí Morumbi, 1998.

FERNANDES, Ciane. 2014. **Pesquisa Somático-Performativa**: Sintonia, Sensibilidade, Integração. ARJ | Brasil | Vol. 1/2 | p. 76-95 | Jul./Dez. 2014. p. 76-95.

FERNANDES, Ciane. 2015. **Quando o Todo é mais que a Soma das Partes**: somática como campo epistemológico contemporâneo, Rev. Bras. Estud. Presença, v. 5 (n. 1), p. 9-38, Porto Alegre: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>.

FERNANDES, Ciane; LACERDA, Cláudio Marcelo Carneiro Leão; SASTRE, Cibeles; SCIALOM, Melina. **A Arte do Movimento na Prática como Pesquisa**. Salvador: UFBA. 2018.

LOBO, Lenora; NAVAS, Cássia. **Arte da Composição**: Teatro do movimento. Brasília: LGE, 2008.

MENEZES, Cristiana. **O que é Dança Circular?**. Disponível em: <<https://www.cristianamenezes.com.br/danca-circular/>>. Acesso em: 01 Mai. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde** – Glossário Temático. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio**. São Paulo: Callis Editora, 2000.

PANTOJA, Álvaro; BARROSO, Mariana Pia. **Dança Circular como prática integrativa nas áreas da Educação e da Saúde**. Apresentação no VI Congresso Naturales Medicine, Porto - Portugal, 7 de novembro de 2017.

REY FERMANDOIS, Andrés. **Danças Circulares**: um caminho consciente de transformação; tradução Deborah Dubner. 1. ed. São Paulo : Olga Cristina Amato Balian, 2022.

SILVA, Milena Mery da. **Lazer e Saúde**: A Dança Circular no Processo Terapêutico da Saúde Mental / orientador, Ricardo Ricci Uvinha – Florianópolis, SC, 2015. 117 p.

WOSIEN, Bernhard. **Dança**: um caminho para totalidade / Bernhard Wosien; edição Maria-Gabriele Wosien; tradução Maria Leonor Rodenbach, Raphael de Haro Junior. – São Paulo : TRIOM, 2000).

YOUTUBE. **Circle Dance**. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=sPL5H2yn4UE>>. Acesso em: 20 Jun. 2022.

ANEXO 1:

PLANO DE ATIVIDADES E CRONOGRAMA DOS ENCONTROS

Identificação	
Nome do curso	Projeto de Pesquisa de TCC – Processos de Criação em Danças Circulares
Nome da Instituição	Instituto Federal Brasília
Público Alvo	Pessoas que praticam danças
Ministrante	Nãna Marina Moreno dos Santos
Orientadora	Suselaine Serejo Martinelli
Dia e horário das aulas	Quartas-feiras, das 19h30 às 21h
Carga Horária (H/A)	12 horas/aula - 06 encontros de 2 h/a

Justificativa: PORQUE?

Projeto de pesquisa sobre Processos de Criação em Dança com foco nas Danças Circulares pelo curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal Brasília, voltado para pessoas que praticam Danças Circulares e outras danças. E, que tem interesse no estudo dos elementos que compõem a dança e em processos de criação, composição e estruturação coreográficas individuais ou em grupos.

Objetivos: ONDE VOCÊ QUER CHEGAR?

Geral:

Criar um ambiente com atmosfera para experimentar, praticar, descobrir e vivenciar as possibilidades que o nosso corpo tem de criar, dançar, celebrar e manifestar.

Específicos:

Promover processos abertos de criação e aprendizagem continuada;

Praticar uma docência feita com arte e aberta ao acontecimento da formação humana e artística criadora;

Desenvolver a construção coreográfica como criação;

Testar procedimentos de improvisação para a prática de criação em dança;

Aplicar conhecimentos de tempo e espaço para a prática de criação em dança;

Desenvolver experiências artísticas pedagógicas;

Conteúdos: O QUE VOCÊ VAI DESENVOLVER?

- Formação em roda (estar em roda).
- História breve e sucinta das Danças Circulares.
- Tradições e maneiras das Danças Circulares.
- Danças de povos.
- Simbolismo e significado de movimentos e danças.
- Meditação em movimento.
- Partes do corpo: cabeça, braços, pernas, tronco, forma corporal.
- Ações corporais: caminhar, correr, saltar, girar, pausar.
- Níveis do espaço (alto e baixo) e direções básicas (frente, trás e lado).
- Deslocamento: retas, curvas, círculos, zigue-zague.
- Movimento com tempo lento, rápido e pausado.
- Movimentos relacionados à natureza.
- Relação\socialização com o outro.
- Reflexões de dança.

Metodologia: COMO?

Em formato de texto, descrever os métodos a serem utilizados para desenvolver o curso programado e as abordagens metodológicas.

Recursos Didáticos: QUAIS?

Materiais necessários à realização das aulas propostas para o desenvolvimento do curso. Devem ser informados todos os recursos necessários, incluindo infraestrutura necessária/adequada, instrumentos e outros materiais.

Instrumentos e Formas de Avaliação da Aprendizagem: COMO VOCÊ VAI AVALIAR? QUE PARÂMETROS?

Relação de instrumentos e formas, parâmetros e critérios de avaliação a serem utilizados no decorrer do curso.

Bibliografia Básica: QDI? QUEM DISSE ISSO? QUEM VOCÊ TOMA COMO BASE?

Bibliografia utilizada como base de conhecimento para o desenvolvimento do curso. São aquelas essenciais à realização do curso.

Bibliografia Complementar

Bibliografia utilizada como forma de complementar o conhecimento desenvolvido no curso.

CRONOGRAMA DE ENCONTROS

Aula nº	Data (dia/mês)	h.a	Conteúdo Programático
1	01/06/2022	2	Apresentação da pesquisa; roda de partilha sobre a história com a dança e os interesses; dinâmica memórias de danças; danças em roda e estudo do espaço (caminhos).
2	08/06/2022	2	Danças em roda; tradições nas Danças Circulares (anjos); dinâmicas de exploração de movimento em roda e individual; estudo do espaço (forma, tamanho, plano, nível, relacionamento); estudo do tempo (velocidade); pesquisa de movimento; composição coreográfica individual e coletiva.
3	15/06/2022	2	Sequência de movimentos coreografados; Danças Circulares; significados e simbologias aos movimentos e coreografias; alguns fundamentos da dança (movimento, ritmo e gesto).
4	22/06/2022	2	Danças tradicionais de povos; meditação ativa; danças meditativas; Danças Circulares; tradições nas Danças Circulares (Centro); dinâmica de contar a história da pesquisa (dos encontros); propostas de criação em dança com temas.
5	29/06/2022	2	Quadro de palavras-chave; partilhas de danças com os temas; roda de conversa com base em textos (oráculo Amor em Movimento) e o experienciado na pesquisa, nos encontros.
6	06/07/2022	2	Quadro de palavras-chave; partilhas de danças com os temas; fechamento dos encontros da pesquisa.

ANEXO 2: Plano de Atividade 01

Primeiro Encontro - Realizado em 01 de junho de 2022

Nome do Curso	Projeto de Pesquisa de TCC – Processos de Criação em Danças Circulares
Docente estagiário	Nãna Marina Moreno dos Santos
Orientadora	Suselaine Serejo Martinelli
Instituição	Instituto Federal Brasília - IFB
Local	Sala 108 C, IFB
Carga horária da aula ou atividade	2 h/a
Objetivos de Aprendizagem a serem trabalhados	Criar ambientação, atmosfera de pesquisa de dança. Proporcionar trocas de percepções, saberes e histórias. Explorar o espaço para a prática de criação em dança.
Conteúdos/bases tecnológicas	Formação em roda (estar em roda). História breve e sucinta das Danças Circulares. Deslocamento: retas, curvas, círculos, zigue-zague. Reflexões de dança.
Atividades	Apresentação da pesquisa em roda (quantidade de encontros, participantes, propostas). Roda de conversa (nome, contato com as Danças Circulares, por que está participando da pesquisa?).

	Dinâmica - Memórias de Danças: deitar ao solo, atenção à respiração, relaxamento por partes corporais, ceder ao solo, buscar memórias dançando, provocar estímulo sonoro com cambell, retornar com movimentos articulares, formar roda. Dança Circular. Música Alma de Zélia Duncan, coreografia de ? Explorar o espaço com diferentes caminhos e direções. Formar roda. Breve apresentação sobre as Danças Circulares. Momento de escrita com o que veio na dinâmica de memórias de danças pelo relaxamento e estímulo sonoro. Orientações e pedidos de reflexão e de anotação. Fechamento com Dança Circular Chuva de Bençãos, música Crest of a Wave de Alexis French e coreografia de Estela Gomes.
Atividade de reflexão	Em algum momento, já sentiu vontade de coreografar uma música? Ou de criar uma sequência coreográfica em forma de dança? Em que momento, contexto isso aconteceu? Tem alguma história?
Recursos necessários	Caixa de som, celular, internet, câmera de filmar, instrumento musical campbell, papel, caneta. Músicas: Alma de Zélia Duncan, https://open.spotify.com/track/2AtgNIZfoo9juxbJgolO2N?si=e86d1cd73f314c76 Crest of a Wave de Alexis Ffrench, https://open.spotify.com/track/2pJFbZazTwTdPsU8tTuBoF?si=f42ea0fd98b941b5

Referências bibliográficas	BARTON, Anna. Danças Circulares: dançando o Caminho Sagrado / Anna Barton; org. Renata C. L. Ramos; [tradução Márcia Schubert]. São Paulo:TRIOM, 2012. Vários autores.Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura. org. org. Renata C. L. Ramos. São Paulo: TRIOM : Faculdade Anhembi Morumbi, 1998. NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo - O poder da improvisação na vida e na arte / Stephen Nachmanovitch; [tradução de Eliane Rocha]. São Paulo: Summus, 1993. WOSIEN, Bernhard. Dança: um caminho para a totalidade / Bernhard Wosien; edição Maria-Gabriele Wosien; tradução Maria Leonor Rodenbach, Raphael de Haro Junior. São Paulo: TRIOM, 2000.
Observações	Fotos e vídeos selecionados: https://photos.app.goo.gl/AniXYnTNronBKLZs7

ANEXO 3: Plano de Atividade 02

Segundo Encontro - Realizado em 08 de junho de 2022

Nome do Curso	Projeto de Pesquisa de TCC – Processos de Criação em Danças Circulares
Docente estagiário	Nãna Marina Moreno dos Santos
Orientadora	Suselaine Serejo Martinelli
Instituição	Instituto Federal Brasília - IFB
Local	Sala 108 C, IFB
Carga horária da aula ou atividade	2 h/a
Objetivos de Aprendizagem a serem trabalhados	Criar ambientação, atmosfera de pesquisa de dança. Proporcionar trocas de percepções, saberes e histórias. Explorar o espaço e o tempo para a prática de criação em dança. Realizar pesquisa de movimento. Desenvolver a construção coreográfica como criação.
Conteúdos/bases tecnológicas	Formação em roda (estar em roda). Tradições e maneiras das Danças Circulares. Partes do corpo: cabeça, braços, pernas, tronco, forma corporal. Ações corporais: caminhar, correr, saltar, girar, pausar.

	Níveis do espaço (alto e baixo) e direções básicas (frente, trás e lado). Deslocamento: retas, curvas, círculos, zigue-zague. Movimento com tempo lento, rápido e pausado. Relação\socialização com o outro. Reflexões de dança.
Atividades	Roda de chegada com apresentação da pesquisa, mobilização corporal com ações de sacudir, de chacoalhar e de alongar o corpo. Apresentação dos participantes em roda. Dinâmica em roda. Manter sempre as mãos dadas e iniciar a movimentação de enovelar a roda, explorar o enovelar até começar a desenrolar e volta para formação do círculo, da roda. Manter os olhos fechados por um tempo e se perceber por um tempo. Dança Circular Chuva de Bençãos, música Crest of a Wave de Alexis French e coreografia de Estela Gomes. Compartilhamento de uma tradição e/ou uma maneira das rodas de Danças Circulares: Retirar anjos em formato de palavras para o momento da dança. Dança Circular. Música Alma de Zélia Duncan, coreografia de ? Explorar o espaço com diferentes caminhos, direções e níveis. Explorar movimentos pela forma e tempo. Dinâmica de gesto. Explorar gestos em movimento. Fazer pausas e escolher 4 gestos/poses. Caminhar repetindo os gestos escolhidos. Criar uma sequência de movimento com os 4 gestos. Pensar em uma sonorização/música para a dança.

	Apresentação individual e apreciação da sequência coreográfica criada. Dinâmica coreográfica - Construção coletiva de sequência coreográfica em roda. Roda de conversa sobre os movimentos e passos escolhidos para compor a construção coletiva. Momento de compartilhar. Orientações e pedidos de reflexão e de anotação. Fechamento em roda, de mãos dadas, olhos fechados, atenção na respiração, abrir os olhos e cada um falar a palavra “anjo” que tirou. agradecimentos. pedido do diário de bordo.
Atividade de reflexão	Observar gestos.
Recursos necessários	Caixa de som, celular, internet, câmera de filmar, Músicas: Alma de Zélia Duncan, https://open.spotify.com/track/2AtgNIZfoo9juxbJgolO2N?si=e86d1cd73f314c76 Crest of a Wave de Alexis Ffrench, https://open.spotify.com/track/2pJFbZazTwTdPsU8tTuBoF?si=f42ea0fd98b941b5 Descalço de Ceumar, https://open.spotify.com/track/4XWqaR6H0PovSYT5qbPNji?si=b8ebce377021424a Guitare bambou de René Aubry, https://open.spotify.com/track/5dXlrWZ1T7vKsLkG1MARYI?si=c93629016aeb4227

	Frénésie de René Aubry, https://open.spotify.com/track/7Dj44pHVaHduZIAQoeV6zN?si=7b6809a227a84856 Iv de Japlet Bire Attias, https://open.spotify.com/track/3OP43MDtQ16FkC65jzwCQd?si=772865c74b2945e2
Referências bibliográficas	BADER, Silke. Fale com os anjos: inspirações da sabedoria angélica para animar o seu dia dia a dia / Silker Bader; tradução Zilda Hutchinson Schild Silva. São Paulo: Pensamento, 2011. Dança Criativa. https://www.creativedance.org/ RENGEL, Lenira. Os temas de movimento de Rudolf Laban (I – II – III –IV – V – VI – VII – VIII): modo de aplicação e referências. São Paulo: Annablume, 2008. (Cadernos de Corpo e Dança). Rolf Gelewski: vida e obra / organizadores, Elisabeth Bauch Zimmermann, Juliana Cunha Passos. 1. ed. Campinas, 2020. TYLER, Kathy. DRAKE, Joy. Cartas dos Anjos ®. https://www.cartadosanjos.com.br/escolha-um-anjo/
Observações	Fotos e vídeos selecionados: https://photos.app.goo.gl/EJDC6pe5NB9BWsqD9